

Janeiro
Fevereiro
Março
2013

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2013

Em 11 de outubro de 1993 a Culturgest iniciou a sua atividade cultural. Em outubro, faremos 20 anos. E é uso comemorarem-se essas datas na vida das instituições, como na vida das pessoas. Iremos fazê-lo na altura própria, de forma simples, que não é tempo de exuberâncias.

Vamos procurar manter este ano a matriz programática que vimos seguindo. Tornando evidente a continuidade de um percurso, ao apresentar artistas que estiveram presentes ao longo destes 20 anos, ao mesmo tempo que acrescentamos outros a essa lista já tão vasta. Não nos pegamos ao passado, mas homenageamo-lo, com uma perspectiva de futuro.

O Miguel Pereira veio à Culturgest logo em 1993. Foi dos primeiros artistas portugueses que aqui apresentaram o seu trabalho. Volta este ano (depois de cá ter estado em outras ocasiões), agora com a mala voadora, num novo espetáculo, entre o teatro e a dança. Os tg STAN são há pouco tempo desta casa, e de outras em Lisboa. Da cidade já são desde 1997. Vamos tê-los numa peça de Gorki, *Os Veraneantes*, em colaboração com o Maria Matos, onde irão imediatamente antes representar Schnitzler. Os tg STAN continuam a ser uma das melhores companhias de teatro europeias. Victor Hugo Pontes estreia-se no Grande Auditório com um trabalho para a Companhia Instável apresentado pela primeira vez em novembro último em Guimarães. É um dos artistas que se acrescentam na nossa história. Entre a Culturgest e Aldina Duarte estabeleceu-se uma sólida e muito amiga relação desde 2005. Desta vez não vem lançar nenhum álbum. Vem fazer um concerto que concebeu para nós. Na primeira parte, com acompanhamento à guitarra e à viola, canta ela e os seus convidados, todos artistas maiores – Ana Moura, Camané e António Zambujo. Na segunda parte, deixa-se acompanhar nos seus fados pelo piano de Júlio Resende. Lola Arias, com Stefan Kaegi, apresentou *Chácara Paraíso*, que integrou a nossa programação, e a do alcantara festival, em 2008. Agora traz-nos *Melancolia e Manifestações*, o diário da doença de uma mãe contado pela sua própria filha, uma história clínica poética. Em 2006 a Orquestra Jazz de Matosinhos visitou-nos.

Regressa convidando o pianista João Paulo Esteves da Silva, que também é conhecido do nosso público.

Para além destes artistas que são novos na casa ou que conosco têm estabelecido relações duradoras, continuamos com alguns ciclos que singularizam a nossa programação.

Volta o Hootenanny, embora numa fórmula mais reduzida. A grande estrela é a cantora e guitarrista Ruthie Foster, que na última década tem tido uma carreira fulgurante arrecadando os prémios mais importantes do *blues*. É tão raro podermos escutar *blues* ao vivo em Lisboa, que esta oportunidade não se pode perder. Como no ano passado, teremos um concerto de *boogie woogie*, agora com dois pianistas (por isso estão no Grande Auditório), os dois europeus (um deles conhecemo-lo na edição anterior do Hootenanny), porque são considerados generalizadamente como os maiores especialistas neste género musical. No Pequeno Auditório estreia-se uma banda portuguesa de *blues*, The Soaked Lamb.

Com as excelentes escolhas de Pedro Costa, prossegue o ciclo “Isto é Jazz?”, que normalmente esgota o nosso Pequeno Auditório. Haverá um concerto no final de fevereiro do grupo Ballister, um trio de Chicago com uma configuração rara no jazz – saxofone, violoncelo e bateria – e outro no início de março, outro trio, mas agora na clássica formação piano, contrabaixo e bateria, atribuídos respetivamente a Eve Risser, Benjamin Duboc e Edward Perraud. Dizem que o futuro do “trio de piano jazz” passa por este entusiasmante projeto.

Pelo segundo ano consecutivo acolhemos, em coprodução com a Trem Azul, a maior parte do Festival RESCALDO, que já vai na sua 6.^a edição. Procura-se distinguir alguma da mais significativa produção nacional no panorama das músicas de vanguarda. Dos treze concertos, nove realizam-se aqui. E se a maior parte dos artistas são jovens, também vêm tocar Rodrigo Amado com o seu projeto Hurricane e os Pop Dell'Arte.

No domínio do que se costuma chamar de músicas do mundo, teremos um duo de dois iranianos, virtuosos nos seus instrumentos, um de cordas, outro de percussão, também

considerados dos mais criativos e inovadores músicos do seu país. Não temos dúvida de que será um grande e apaixonante concerto.

No jazz do Grande Auditório, mais um trio de piano, contrabaixo e bateria, desta vez o de Jason Moran. Muitos conhecerão Moran da sua participação na banda de Charles Lloyd. Mas já não é a primeira vez que vem a Lisboa com a sua Bandwagon. Claro que fazer o elogio do que se apresenta é um lugar comum pouco convincente. Mas que havemos de fazer? Jason Moran e a sua banda são mesmo músicos excecionais que não se podem perder.

Por não falarmos, propositadamente, da crise, não significa que estejamos alheados dela. Pelo contrário.

Em 2012 organizámos um conjunto de conferências que tinha como objetivo ajudar a compreender o que vai sucedendo no mundo, abordando questões que estão para lá da espuma dos debates diários. Prosseguimos nessa linha, agora em torno do tema das cidades, que tem sido debatido intensamente de muitas formas. Na Culturgest escolhemos um grande urbanista, Nuno Portas, um arquiteto paisagista com obra reconhecida na intervenção do espaço urbano e no pensamento sobre essa intervenção, João Gomes da Silva, e o maior olisipógrafo atual, José Sarmento de Matos. São três ciclos de conferências muito diferentes em que as cidades, e em particular Lisboa, são observadas de diversas perspetivas.

No centenário de Wagner, Eugénio Sena, que foi nosso diretor técnico e é um apaixonado pelo compositor, fala-nos, apaixonadamente, em quatro conferências, da vida do grande criador.

O Serviço Educativo diversificou imenso a sua atividade. São tantas e tão interessantes as suas propostas, que não cabe menção neste espaço. Por favor, vá às páginas 72 e seguintes porque encontrará muitas propostas de que vai gostar e que poderá aproveitar.

No programa de exposições em Lisboa, teremos na Galeria 2 uma retrospectiva dos vídeos do artista Michel Auder, francês que em 1969 casa com uma das atrizes preferidas de Andy Warhol e se muda para Nova Iorque onde faz toda a sua carreira. Teremos vídeos

exibidos na galeria de exposições e outros que passarão no Pequeno Auditório, num programa a anunciar. Não conhece este artista, pois não? Venha à Culturgest porque vale a pena conhecê-lo. De Rui Toscano iremos apresentar esculturas sonoras feitas com os radiogravadores a que antigamente se chamava de “tíjolos”. A exposição centra-se no trabalho de Toscano da década de 1990, a que se juntam duas esculturas novas. No Porto, inauguramos uma mostra de obras, que poderemos chamar de esculturas, do artista vietnamita Danh Võ, outro criador desconhecido entre nós e que tem que ser descoberto.

Fora da Culturgest, no Museu do Neo-Realismo e em colaboração com ele, vamos apresentar parte da Coleção da CGD relativa à Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Os mais velhos lembrar-se-ão, certamente, da atividade desta cooperativa, cujo conhecimento é fundamental para se compreender a arte portuguesa da segunda metade do século passado. Fez-se um exaustivo trabalho de investigação sobre a Cooperativa. O visitante poderá ver não só uma seleção de cerca de 100 gravuras, como uma escolha de documentos preciosos sobre a história da instituição. Certamente uma exposição fundamental não só pela qualidade das obras expostas, como pelo que revelam da arte no nosso país a que corresponderá um catálogo que será obra de referência.

Este ano ainda mantemos a nossa relação com o Espaço Chiado 8 da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial. Até meados de fevereiro continua a exposição de Pedro Sousa Vieira, inaugurada em novembro do ano passado. Segue-se, de março o trabalho de Gonçalo Barreiros, que revela um grande domínio da mecânica do humor e do modo como ele desestabiliza os nossos preconceitos.

Estamos convencidos que temos boas propostas, com preços acessíveis ou mesmo gratuitas, capazes de satisfazer interesses variados. Claro que a vida está difícil e são poucos os sinais de que serão melhores os tempos futuros. Desejamos que isso não nos impeça, e não vos impeça, de ter acesso ao belo, à inteligência, à sensibilidade – ao que nos pode devolver a esperança.



© DMF, Lisboa

A Culturgest abriu uma pequena livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como outras de artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela se encontram também bem representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de teoria e história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de escala mais reduzida ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest has opened a small bookshop specialising in contemporary art. The stock has been carefully selected, based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, our own publications are all to be found here, along with many others relating to artists who have already exhibited their work at Culturgest, but there's also a large selection of titles on artists not included in our exhibition programme. Available are a broad spectrum of artists' own writings and interviews, a section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; large-scale publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Most publications are on sale at reduced prices, so we can share them with as many people as possible.

Aberta de segunda a sexta-feira, das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Telefone: 21 790 51 55

Conferências/Leituras

- 12 **O Urbano e a Urbanística**
por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso
- 14 **A Revelação de Wagner**
por Eugénio Harrington Sena
- 18 **Comunidade de Leitores**
por Helena Vasconcelos
- 32 **Lisboa: a espessura do Tempo**
por João Gomes da Silva
- 44 **As Freguesias de Lisboa**
por José Sarmento de Matos

Dança

- 16 **Fuga Sem Fim**
de Victor Hugo Pontes para a Companhia Instável
A partir de uma ideia de João Paulo Serafim

Música

- 20 **Kayhan Kalhor**
- 22 **Mais um fado no fado**
Aldina Duarte
- 24 **Hootenanny**
25 Ruthie Foster
26 Axel Zwingenberger e Eeco Rijken Rapp
27 Evergreens – The Soaked Lamb
- 34 **Festival RESCALDO**
- 40 **Jason Moran and The Bandwagon**
- 42 **Ballister**
- 46 **Eve Risser, Benjamin Duboc, Edward Perraud**
- 48 **Orquestra Jazz de Matosinhos convida o pianista
João Paulo Esteves da Silva**

Teatro

- 28 **Le Chemin Solitaire** de Arthur Schnitzler
Um espetáculo tg STAN (no Teatro Maria Matos)
- 30 **Les Estivants** de Maxim Gorki
Um espetáculo tg STAN
- 50 **Melancolía y Manifestaciones** de Lola Arias

Teatro/Dança

- 52 **Wilde**
de mala voadora e Miguel Pereira

Exposições

- 56 **Rosemarie Trockel** Flagrante Deleite
- 58 **Rui Toscano** Esculturas Sonoras 1994-2013
- 60 **Michel Auder** Retrato de Michel Auder
- 62 **Danh Võ** A asa de Gustav
- 64 **Pedro Sousa Vieira** Preto e branco
- 66 **Gonçalo Barreiros** Vraum
- 68 **A doce e ácida incisão**
A Gravura em contexto (1956-2004)

Serviço Educativo

Informações

O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

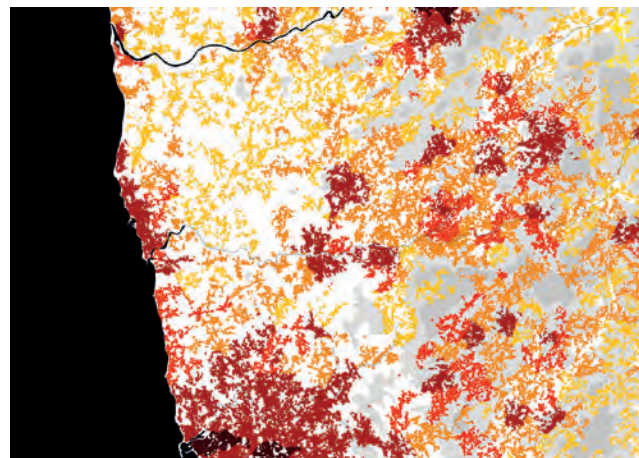
por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

SEGUNDAS-FEIRAS
7, 14, 21, 28 DE JANEIRO

Grande Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:



Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-FAUP, 2012

Na primeira sessão, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

Na segunda sessão, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intra-cidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às

diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

Na terceira sessão, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

Na quarta e última sessão, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, tendo

presente o fator tempo – saber distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F. C. Gulbenkian]

Nuno Portas é professor Emérito da U. Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de S. Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na CM Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e ao Campus da U. Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

Nuno Travasso é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F. C. Gulbenkian em 2011.

Our cities have never been the same, but some characteristics have withstood time better than others. Radical changes over the last two centuries have resulted in divided opinions. In our first session, we examine the legacies of the industrial and commercial revolutions, relating them to changes in lifestyle and town planning; in the second, the growing movements of people, goods, information and energy between and within cities; in the third, the diversification in buildings in terms of their functions and levels of wealth; and lastly, the State’s role in the governance of town planning.

7 de janeiro
Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida
Lugares e mosaicos urbanos

14 de janeiro
Atividades e mobilidades – malhas geradoras
Espaçamentos, traçados

21 de janeiro
Habitats e ecologias – limites e densidades
Tipos e modelos do edificado

28 de janeiro
(Meta)polis e governabilidades
Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

A Revelação de Wagner

Um percurso pela história da vida de Richard Wagner em um prólogo e três jornadas, na comemoração do bicentenário do seu nascimento

por Eugénio Harrington Sena



Richard Wagner · Imagem do Museo internazionale e biblioteca della musica di Bologna

TERÇAS-FEIRAS
8, 15, 22, 29 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

8 de janeiro

Prólogo: 1813-1833 – os anos de infância e de juventude: a poesia antes da música.

15 de janeiro

Primeira Jornada: 1834-1849 – os anos de instabilidade: maestro, compositor, casamento e revolução.

22 de janeiro

Segunda Jornada: 1849-1864 – os anos de exílio: a criação intelectual e a descoberta de Schopenhauer. O Anel, Mathilde e o Tristão.

29 de janeiro

Terceira Jornada: 1864-1883 – os anos de maturidade: Ludwig, Cosima e Bayreuth; paixão, devoção e utopia.

O que faz a singularidade de Richard Wagner é o génio que se revela para lá da música, a marca que o distingue de todos os outros grandes compositores da história. É a sua impressionante energia criativa que leva Wagner a refletir e a escrever sobre praticamente todos os assuntos: arte, religião, política, filosofia, ciência, tecnologia e até sobre a relação do homem com a natureza. É por isso que os seus dramas musicais penetram no mais profundo do ser humano revelando-nos, quiçá, a transcendência da nossa relação com o universo. É por isso que a influência da sua obra se fez sentir de uma maneira única em grandes nomes de áreas fora da música como Baudelaire, Kandinsky, Lévi-Strauss ou Nietzsche e ainda hoje o seu fascínio seduz grandes filósofos como Alain Badiou e Slavoj Žižek. E, no entanto, talvez não haja outra personalidade artística tão negativamente conotada e sobre a qual caíram tantos preconceitos que impedem, muitas vezes, a aproximação à sua obra. Propomo-nos contar a história da vida de Wagner mostrando como ela se foi desenrolando numa alucinante viagem onde o compositor partiu da poesia para a obra de arte total, a *gesamtkunstwerk*, a obra de arte do futuro, à qual renunciou depois de ter descoberto Schopenhauer.

Eugénio Harrington Sena é licenciado em Engenharia Química e tem uma pós-graduação em Gestão das Artes. Foi diretor técnico da Culturgest entre 1993 e 2010 tendo desempenhado anteriormente diversas funções na Companhia Nacional de Bailado e no Teatro Nacional de São Carlos. Lecionou em cursos de Gestão Cultural e foi produtor, conferencista e encenador, na área de “óperas para crianças”. É um dos sócios fundadores do Círculo Richard Wagner Portugal.

Richard Wagner differs from other great composers through the genius he reveals beyond music, reflecting and writing on practically every subject, including art, religion, politics, philosophy and science. His music touches us deeply, yet perhaps no other artist has ever aroused such negative connotations, which frequently prevent us from appreciating his work. We set out to tell the story of Wagner's life, a hallucinating journey guided by his great mission: to make the total art work, the *Gesamtkunstwerk*.

Eugénio Harrington Sena is a founder member of the Richard Wagner Circle in Portugal.

Fuga Sem Fim

de Victor Hugo Pontes para a Companhia Instável

A partir de uma ideia de João Paulo Serafim



© Susana Neves

SEX 11, SÁB 12
DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira 11, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Direção Victor Hugo Pontes **Realização e edição vídeo** João Paulo Serafim **Direção técnica e desenho de luz** Wilma Moutinho **Música original** Rui Lima e Sérgio Martins **Interpretação** Bruno Senune, Liliana Garcia, Marco Ferreira, Pedro Rosa e Valter Fernandes **Aconselhamento dramaturgico** Madalena Alfaia **Coprodução** Companhia Instável, Centro de Artes Performativas do Algarve, O Espaço do Tempo e Centro Cultural Vila Flor **Apoio** Fundação Calouste Gulbenkian, Nome Próprio, Ao Cabo Teatro **Apoio à residência** Teatro Nacional de São João, Fundação Porto Social, Lugar Instável **Apoio logístico** LNB Carmo Benta, Lda. **Agradecimentos** Osvaldo Martins, Carla Moreira, Joana Ventura **Estreia** novembro de 2011 no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

Em 2007, Victor Hugo Pontes e João Paulo Serafim encontraram-se pela primeira vez para a criação do espetáculo *Ensaio*. Desde então, ambos os criadores mantiveram a vontade de trabalhar juntos novamente. Para tal, elegeram um tema transversal às áreas de trabalho de cada um: a ideia de “fuga”.

O movimento (e a dança) trabalha sobre a alternância de momentos de encontro e de fuga. As imagens (e a fotografia) trabalham sobre o tópico do ponto de fuga. O mote para a criação de *Fuga Sem Fim* foi a perseguição que acontece no filme *Blackmail*, de Alfred Hitchcock. Contudo, o facto de o ponto de partida ter sido uma criação cinematográfica não significa que *Fuga Sem Fim* seja um trabalho sobre cinema: aquilo que aqui importa é a ideia de fuga, por um lado, enquanto ação/movimento em si, enquanto percurso coreográfico; por outro lado, a ideia de fuga enquanto procura das origens do trabalho criativo, com vista a um entendimento mais nítido das razões pelas quais o espetáculo assume esta forma.

A fuga é um impulso recorrente no ser humano, com reminiscências ancestrais e projeções futuras – o homem foge desde sempre, quer seja de um território, de uma circunstância histórica, das outras pessoas, da guerra, do compromisso, da miséria, do amor, de si próprio. *Fuga Sem Fim* centra-se na reflexão sobre o ato criativo, quer enquanto “artefacto”, “construção deliberada” e “ficção”, “simulacro de realidade”, quer enquanto procura de uma saída, de várias respostas, da ideia de fuga como exemplo de afirmação – do seu contrário.

Victor Hugo Pontes and João Paulo Serafim have once again (after 2007 with *Ensaio*) joined forces to work on a common theme in their different areas: the idea of “flight”. *Endless Escape* is based on the chase in Hitchcock’s film *Blackmail*, but this doesn’t mean it is a work about cinema: the important idea is flight as a choreographic movement in itself, but also as a search for the origins of the creative work, seeking to understand why the show has the form that it does – flight as an escape, as an example of the affirmation of its opposite.

A Companhia Instável é uma estrutura financiada pela Secretaria de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes

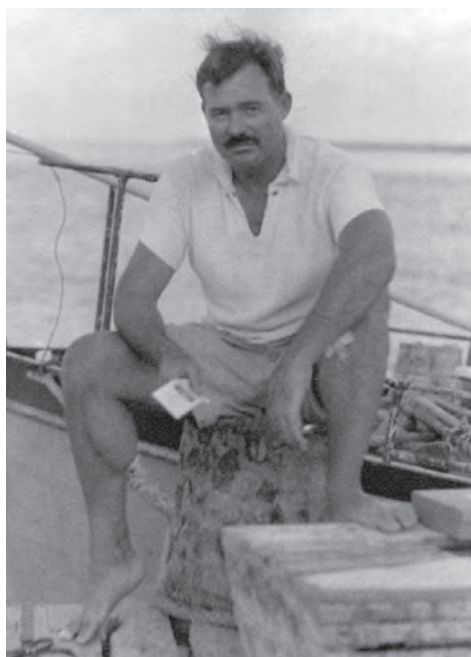
Comunidade de Leitores

Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway: para onde foi a “geração perdida”?

por Helena Vasconcelos



Francis Scott Fitzgerald



Ernest Hemingway Collection
John F. Kennedy Presidential Library and Museum, Boston

17 E 31 DE JANEIRO

14 E 28 FEVEREIRO

6 E 21 DE MARÇO

Sala 1 · 18h30

Inscrições até 10 de janeiro (limite 40 pessoas) na bilheteira da Culturgest, pelo tel. 21 790 51 55 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt

Qui 17 de janeiro

Belos e Malditos,
F. Scott Fitzgerald

Qui 31 de janeiro

O Adeus às Armas,
Ernest Hemingway

Qui 14 de fevereiro

Paris é Uma Festa,
Ernest Hemingway

Qui 28 de fevereiro

Terna é a Noite,
F. Scott Fitzgerald

Qua 6 de março

O Sol Nasce Sempre,
Ernest Hemingway

Qui 21 de março

O Último Magnate,
F. Scott Fitzgerald

Nota: deixa-se ao critério dos participantes a escolha das respetivas edições.

Década de 1920: chamaram-lhe a “era do Jazz”, a “idade de ouro”, os “loucos anos vinte”. Depois do trauma da Iª Grande Guerra, a Europa e os Estados Unidos pareciam ter recuperado o fôlego. Faziam-se fortunas de um dia para o outro, o champanhe corria a rodos e as festas não tinham fim. Francis Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, amigos e rivais, participaram ativamente nesse tempo em que Wall Street se misturava com a Côte d’Azur, a Arte com a alta finança. Scott e Ernest rapidamente se destacaram pela sua forma de estar e pela originalidade da sua escrita. Figuras atuantes no torvelinho do mundo, as suas acidentadas vidas tornaram-se matéria literária, explorada e revisitada, o que lhes valeu um lugar incontestado no panteão da literatura americana e mundial. Muito diferentes entre si, embora cúmplices no álcool e nas angústias existenciais, transpuseram para as respetivas obras os excessos, os traumas e a energia maníaca desses tempos conturbados. Nos seus romances e contos escalpelizaram a primeira metade do século XX, com todo o seu cortejo de guerras e banquetes, riqueza obscena e pobreza incalculável. Em Paris, ocuparam lugar cativo na grande revolução artística que juntou, principalmente em torno de Gertrude Stein, escritores, músicos, bailarinos, coreógrafos, pintores, estrelas de cinema, figuras da sociedade e da alta finança, ansiosos por participarem, a todo o custo, no (aparentemente) interminável banquete orgiástico que terminou abruptamente com a IIª Grande Guerra.

É possível avançar com a ideia estereotipada de que Fitzgerald foi o rapaz bonito, tímido, sensível, inseguro e terno que escreveu sobre os confrontos mortalmente nefastos entre cônjuges e amantes e Hemingway foi o valente espalha-brasas, determinado, mulherengo e histriónico que escreveu sobre a guerra, a ação, a caça e as aventuras amorosas? Sim e não. Através das suas obras é possível detetar as contradições e incongruências, as falhas e oscilações das suas vidas, dedicadas à escrita e à intensa experiência existencial, mas atravessadas por tragédias e desregramentos.

Nesta altura em que a famosa “crise” mundial parece refletir os grandes embates históricos do século XX, vale a pena reler as obras destes dois últimos românticos que estabeleceram os alicerces para uma literatura que moldou e marcou as gerações seguintes.

The roaring 1920’s – the Jazz Age. After the Great War, huge fortunes were amassed and the champagne flowed. Caught up in this whirlwind were Scott Fitzgerald and Hemingway, both fuelled by alcohol and existential angst. They became leading figures in the great artistic revolution brought to a sudden end by the II World War. Our current world “crisis” mirrors this period, making it poignant to re-read the work of these last two romantics who left their mark on the generations to come.

Kayhan Kalhor



SEX 18 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Shah Kaman Kayhan Kalhor Santour baixo Ali Bahrami Fard

Kayhan Kalhor, nascido em Teerão, faz parte da elite dos melhores tocadores de *kamanché* (instrumento de cordas tradicional persa, com uma caixa de ressonância e um braço; as cordas são postas a vibrar por um arco). É um dos músicos persas atuais mais criativos e inovadores. Neste concerto toca um instrumento criado por um amigo seu, derivado do *kamanché*, a que chamaram *shah kaman*, com cinco cordas independentes e sete que vibram por simpatia.

O *santour* é também um instrumento tradicional de cordas, neste caso montadas numa estrutura de madeira, vibrando por percussão. O *santour* baixo é uma variante moderna do instrumento tradicional. Ali Bahrami Fard, nascido em Shiraz, é outro músico persa excepcional, um dos melhores tocadores de *santour* da sua geração.

Os dois artistas gravaram juntos o CD intitulado *I will not stand alone* (2011). Sobre este álbum, que está na base do concerto desta noite, escreveu Kalhor:

“No início dos acontecimentos que abalaram o meu país, senti-me muito isolado. Vivi os momentos mais difíceis da minha vida, quando as trevas e a violência pareciam impor-se. Este isolamento forçado deu-me tempo para repensar a música, não de um ponto de vista técnico, porque o meu trabalho seguiu uma certa via, mas fazendo-me compreender quanto a música é importante e portadora de esperança. Precisei de tempo para isso e os acontecimentos de que fui testemunha cristalizaram as coisas. Escolhi estar com as pessoas e tocar a minha música para elas, numa relação muito mais próxima do que antes.

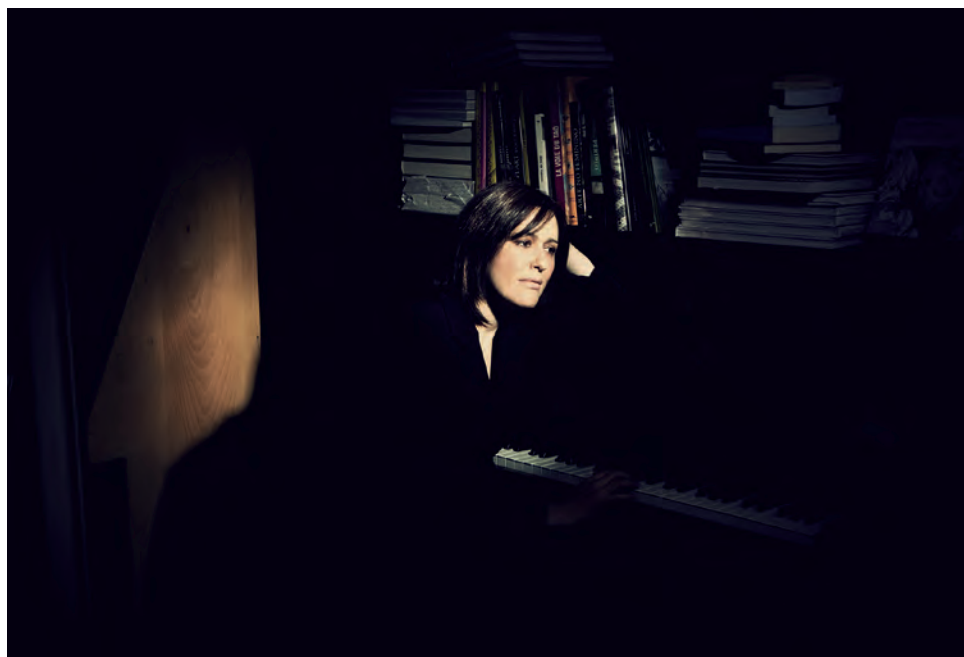
Este álbum é o fruto desse período sombrio. Da composição à partilha com o ouvinte, todo o meu trabalho me permitiu ter consciência de que nunca mais estaria sozinho – *I will not stand alone*.”

Não estar sozinho. Partilhar com os outros a audição desta música excepcional. Um bom motivo para participar deste concerto. A música é belíssima e comovente.

Born in Tehran, Kayhan Kalhor is one of the world's top *kamanché* players (a traditional Persian string instrument, played with a bow). At this concert, he will play the *shah kaman*, an instrument derived from the *kamanché*, accompanied by Shiraz-born Ali Bahrami Fard on the *bass santour*, a modern variation of another traditional Persian instrument. The two musicians recorded the beautiful and moving CD *I will not stand alone* in 2011, which Kalhor says is the fruit of the isolation he felt in the dark period that beset his homeland, reflecting his choice to be with people and play music for them.

Mais um fado no fado

Aldina Duarte



© Isabel Pinto

QUA 23 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz Aldina Duarte **Guitarra portuguesa** José Manuel Neto
Viola Carlos Manuel Proença **Convidados** Ana Moura, António Zambujo, Camané, Júlio Resende

O Sentido das Notas, o Canto das Palavras

Apenas o Amor (2004), *Crua* (2006), *Mulheres ao Espelho* (2008), *Contos de Fados* (2011). Os títulos dos quatro álbuns que Aldina Duarte lançou parecem formar, como um mosaico, o retrato perfeito da sua postura de artista – o de alguém para quem a relação com o Fado passa por um registo constante e incandescente de paixão, mas também por um percurso por vezes quase cruel de introspecção e pela descoberta fascinada de múltiplos olhares sobre o mundo, pela mão dos poetas, dos artistas, dos fabricantes de sonhos e de mitos fundadores. Tudo isto assenta sempre nos alicerces de um repertório de fados estróficos depurados pelo tempo, tão firmes e enganadoramente simples nos contornos essenciais que os definem como livres e complexos nos desenhos novos e inesperados que o seu canto lhes sabe dar em cada revisitação. Tudo acontece pela mediação de um discurso poético rigoroso, assumidamente contemporâneo, sem concessões, em que a sua própria voz de poeta emerge com frequência, lado a lado com a de tantos grandes criadores da Língua portuguesa, como uma força tão marcante como o canto. Aldina Duarte tem este jeito especial de saber ao mesmo tempo dizer o sentido das notas e cantar a melodia das palavras. É por isso que nunca deixa de nos surpreender, que nunca a podemos prever, que é sempre uma descoberta renovada. Assim, neste programa o seu caminho cruza-se com o de três outras vozes relevantes do Fado dos nossos dias, Ana Moura, António Zambujo e Camané, e através destas os seus versos convertem-se num terreno comum para o encontro entre outras tantas posturas artísticas idiossincráticas, passando da condição de mera expressão individual da sua autora ao estatuto de um património partilhado e reestruturante do próprio género. E ela mesma revisita – e de algum modo reinventa, nessa viagem – alguns dos fados mais emblemáticos do seu repertório, partindo, para esse novo olhar, do desafio que representa a parceria com o piano de Júlio Resende. Mais uma vez nos confronta, deste modo, com esse seu misto tão especial de tradição e ruptura, de medo e coragem, e – porque não? – de pudor e desvario. Rui Vieira Nery (Rui Vieira Nery escreve de acordo com a antiga ortografia)

Aldina Duarte's last four albums provide a perfect portrait of her relationship with Fado all based on a deceptively simple repertoire that creates new and unexpected patterns. In this programme, her path crosses with the voices of Ana Moura, António Zambujo and Camané, converting her verses into a shared heritage, backed by the piano of Júlio Resende.

Hootenanny

Ciclo comissariado por Ruben de Carvalho

DE SÁB 26 DE JANEIRO
A SEX 1 DE FEVEREIRO

De novo os *blues* nos auditórios da Culturgest, nesta edição com a presença de uma das bases da música afro-americana: as grandes vozes femininas.

É habitual procurar referências e comparações e Ruthie Foster que, com um sólido acompanhamento musical, estará no Grande Auditório. Tem sido comparada a Ella Fitzgerald e Aretha Franklin. Também com ela, de facto, se verificou o caminho que leva intérpretes femininas a evoluírem do *gospel* de infância e juventude para estilos, profanos, em que se misturam os *blues* e o *music hall* marcadamente urbano.

Ruthie Foster tem mantido, ao longo da sua carreira, contudo, constantes ligações a essas raízes, mas a variedade dos prémios que a balizam garantem um invulgar espetáculo.

Também no Grande Auditório completar-se-á o retrato iniciado o ano passado dessa apaixonante expressão de virtuosismo que é reconhecidamente o *boogie woogie* – mas levando-a à mais rica das suas memórias.

O inquestionável *must* do *boogie* continua a residir no duo de pianistas afro-americanos, os já desaparecidos Albert Ammons e Pete Johnson, um caso muito especial da soma de virtuosismos em instrumentos idênticos num estilo que tem no seu eixo, exatamente – o individual virtuosismo! É esta memória que os seus incontestados herdeiros, Axel Zwingenberger e Ecco Rijken Rapp, nos trarão.

E, finalmente, um novo passo no percurso nos *blues* de intérpretes e criadores portugueses, brilhantemente aberto pelo saudoso Bernardo Sassetti, em 2010: um interessantíssimo grupo de Lisboa, viajante da herança popular americana das primeiras décadas de Novecentos, os Soaked Lamb.

Ruben de Carvalho

The blues return to Culturgest, this time with a great female voice. Performing in the Main Auditorium will be Ruthie Foster, often compared to Ella Fitzgerald and Aretha Franklin, having traced a similar path from youthful gospel to a mixture of urban blues and music hall. The same room will later reverberate to the sound of boogie woogie,

with the memory of that virtuoso duo of Afro-American pianists, Albert Ammons and Pete Johnson, being evoked by their undisputed heirs, Axel Zwingenberger and Ecco Rijken Rapp. And finally the latest trends in Portuguese blues played by The Soaked Lamb.

Ruthie Foster

SÁB 26 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Guitarra acústica, voz Ruthie Foster Bateria, percussão, voz Samantha Banks Guitarra baixo, voz Tanya Richardson Teclado, mandolim, voz Scottie Miller Guitarra elétrica, voz Hadden Binion Sayers

Embora tenha estudado música enquanto jovem no seu Texas natal, começado a cantar como solista aos 14 anos, Ruthie Foster iniciou a sua carreira musical no mais improvável dos locais: a marinha de guerra dos Estados Unidos!

“Durante anos tudo o que fiz foi comer, falar, sonhar e viver à volta da música. Chegou um ponto em que quis saber se era capaz de ter uma conversa sobre qualquer outra coisa – contou – e estava também curiosa acerca do resto do mundo. Por isso, alistei-me na Marinha”.

Numa festa de Natal a bordo interpretou algumas canções para o seu esquadrão de helicópteros: foi um passo para ser integrada num grupo

musical da Marinha, *Pride*, que lhe deu a primeira experiência de quatro anos de estrada pelas instalações militares dos Estados do Sul.

Desmobilizada em 1997, ei-la em Nova Iorque onde a editora Atlantic a apoiou e, em poucos meses, fazia do seu primeiro CD uma surpresa para a crítica. As raízes, contudo, mantinham-se e uma determinante digressão foi realizada com os Blind Boys of Alabama. Abandonando a viola e o piano com que a si própria se acompanhava, a primeira década do novo século foi fulgurante: festivais desde o North Sea Jazz Festival ao Jazzfest de New Orleans, nomeações para prémios quase anualmente, até ao primeiro lugar nos Traditional Blues em 2010, ao fulcral Koko Taylor Award em 2011.

Dotada de uma impressionante presença cénica e sempre apoiada por cuidadas e vigorosas bandas, em 2010 conquistou o primeiro lugar do Living Blues Critic's Pool.

Texas-born Ruthie Foster studied music at an early age, first performing at 14 as a soloist. Yet her musical career really began in the most unlikely of places: the US Navy! After singing to her helicopter squadron at a Christmas party, she joined the Navy group *Pride* and began a four-year tour of the southern States. Leaving the Navy in 1997, she released her first CD to great critical acclaim, and spent the next decade backed by powerful bands playing at the great blues festivals, winning the prestigious Koko Taylor Award in 2011.



© Mary Keating Burton

Axel Zwingenberger e Eeco Rijken Rapp

QUA 30 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

M3

Piano Axel Zwingenberger
Piano Eeco Rijken Rapp

Nascido nas *barrelhouses* que acompanharam a construção da rede ferroviária norte-americana, o *boogie woogie* é um dos estilos da música de raiz africana nos EUA com um mais curioso percurso. Popularíssima no final do século XIX, início do XX, exatamente na esteira da diáspora laboral da população negra, a sua popularidade decresceria na década de 20 para, contudo, com os seus vigorosos acordes e estimulantes ritmos, vir a ganhar preferências das orquestras de *swing* que fariam do tema fundador, o *Pinetop Boogie Woogie* – do nome do famoso pianista *Pinetop Perkins* – um êxito gigantesco.

Em 1938, o produtor John Hammond organizou no Carnegie Hall os famosos espetáculos *From Spirituals to Swing* e entre as muitas reve-

lações para o público branco surgiu um dueto de pianistas afro-americanos, Albert Ammons e Pete Johnson, que devastaram a audiência com o vigor e o virtuosismo do seu estilo – o *boogie woogie* que, duas décadas depois, invadiria de novo os salões de baile, mas desta vez para dar um contributo determinante a um novo som: o *rock & roll*.

Por aquelas originalidades em que a música é fértil, há hoje um consenso generalizado que os grandes especialistas do lendário dueto de Ammons e Johnson são dois... europeus... Que nem sequer nasceram no mesmo país (Axel Zwingenberger é alemão e Eeco Rijken Rapp é holandês!) e se conheceram por causa da música que a ambos apaixonou. Daí ao trabalho conjunto na

esteira do lendário dueto foi, naturalmente, um passo e ambos dividem hoje as suas carreiras perante espetáculos a solo e disputadíssimas apresentações, de regresso ao Carnegie Hall ou aos *speakeasies* dos anos 40!

Boogie woogie lost its appeal in the 1920s, only for its vigorous chords and stimulating rhythms to later captivate the fans of swing. Among the many revelations, in 1938 was the Afro-American piano duo of Albert Ammons and Pete Johnson, whose vigorous *boogie woogie* later made a decisive contribution to the sound of rock and roll. The German Axel Zwingenberger and Dutch Eeco Rijken Rapp are generally acknowledged by experts as the heirs of that legendary duo.



Axel Zwingenberger © www.dobias.at



Eeco Rijken Rapp

Evergreens

The Soaked Lamb

SEX 1 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h15
5€ (preço único)

M3

Voz, saxofone, guitarra Mariana Lima Balas
Voz, guitarra, ukelele, banjo, harmónica Afonso Cruz
Coro, guitarra, ukelele, saxofone, clarinete Tiago Albuquerque
Coro, bateria, percussão Miguel Lima
Coro, contrabaixo Gito Lima
Coro, piano, concertina, melódica Vasco Condessa

A divulgação pelos dinâmicos apaixonados do jazz em Portugal, a sua ativa presença em meios de comunicação social, o entusiasmo e persistência na organização de concertos, tiveram entre nós a indireta consequência de deixar os *blues* – de que o jazz nascera... – bastante na sua sombra. E mesmo quando o progresso no ensino da música (e em especial do jazz) criou nas últimas décadas uma realidade inteiramente nova – a cena nacional viu multiplicarem-se grupos e solistas de jazz, tendo,

porém, os *blues* mantido-se mais ou menos discretamente à sombra daqueles festivais!

Os anos mais recentes parecem querer modificar esta situação, dando até expressão a um aspeto peculiar: nos novos grupos o interesse pelos *blues* não se rodeia do que se poderia chamar um fundamentalismo de estilística musical, antes reflete bastante o espírito multifacetado que, afinal, caracterizava o ambiente do período de desenvolvimento do género, quando os *blues* rurais evoluíam e se entrecruzavam com outros géneros, por vezes mais urbanizados, do *vaudeville* aos *minstrels*, à miscigenação com as mais diversas músicas de dança.

É o caso dos Soaked Lamb, nascidos em Lisboa em 2006 e com um bem humorado

percurso, do qual fazem já parte três CDs. Com uma formação generosa (seis elementos, entre os quais vários são multi-instrumentistas), igualmente optaram por não se fixarem nem em *covers*, nem em originais, e o seu repertório inclui uma interessante mistura de ambos.

The indirect consequence of the widespread enthusiasm for jazz in Portugal has been to place the blues in the background. Recently, however, there have been signs of the multifaceted spirit that characterised the time when the rural blues first mixed with the more urban sounds of vaudeville and the minstrels, as exemplified by The Soaked Lamb, created in Lisbon in 2006 and already with three CDs to their name.



Le Chemin Solitaire

O Caminho Solitário de Arthur Schnitzler

Um espetáculo tg STAN



© Tim Wouters

QUA 30, QUI 31
DE JANEIRO

Teatro Maria Matos
(Sala principal com bancada)
21h30 · Duração: 2h
14€ · Com desconto: 7€
À venda no Teatro Maria Matos

Desconto especial: Bilhete conjunto de 19€ para os dois espetáculos de tg STAN, à venda na Culturgest e no Teatro Maria Matos. Desconto não acumulável.

M12

Espectáculo em francês,
com legendas em português

Le Chemin Solitaire é teatro como o teatro deve sempre ser: intelectualmente desafiante, engenhoso e sem medo do confronto. Gazet van Antwerpen

Texto Arthur Schnitzler (*Der einsame Weg*, 1903)
De e com Natali Broods, Jolente De Keersmaecker, Damiaan De Schrijver, Nico Sturm/Stijn Van Opstal e Frank Verduyssen
Figurinos An D’Huys **Luzes** Thomas Walgrave **Cenário** tg STAN
Técnica Raf De Clercq e Tim Wouters **Tradução** Martine Bom
Agradecimentos Erwin Wurm **Produção** tg STAN **Correalização da versão francesa** Théâtre Garonne, Festival d’Automne e Théâtre de la Bastille **Estreia da versão neerlandesa** 18 de abril de 2007, Monty, Antuérpia **Estreia da versão francesa** 14 de novembro de 2009, Théâtre Garonne, Toulouse

Há três anos, o Teatro Maria Matos e a Culturgest apresentaram ao público lisboeta o singular teatro do húngaro Béla Pintér; agora juntam-se de novo para mostrar dois espetáculos dos STAN, nossos velhos conhecidos: primeiro Schnitzler e depois Gorki (ver página seguinte), dois clássicos do século XX abordados de formas bem distintas, mas tratando o texto e o trabalho do ator com a mesma combinação de minúcia e liberdade.

A ação da peça é espoletada pela doença e morte de Gabrielle, mulher de Wegrat e mãe de Felix e Johanna, que vem trazer ao de cima um segredo antigo. Julien Fichtner, um velho amigo da família, regressa à cidade natal que abandonara para se dedicar à sua carreira artística. Na altura, abandonara também Gabrielle, grávida de um filho seu, porém casada com Wegrat, que educaria a criança como se fosse sua. Agora, temendo a solidão da velhice que se aproxima, Julien quer finalmente revelar o segredo a Felix.

Estreada em 1904, a peça *O Caminho Solitário* gerou controvérsia pelo enredo centrado na mentira e no adultério, marcadamente influenciado pela psicologia, disciplina cara a Arthur Schnitzler. Os STAN não pretendem, no entanto, retratar o meio burguês da Viena do início do século XX, tendo-se antes deixado inspirar pelo universo irónico e contemporâneo do artista plástico Erwin Wurm.

O coletivo belga centra a sua leitura da peça na relação entre o ator, a personagem e o texto. Revelando um profundo trabalho de interpretação, os cinco atores distanciam-se de cada uma das personagens e centram a sua abordagem na universalidade das emoções, representando pessoas intemporais que enfrentam dilemas intemporais.

First staged in 1904, *The Lonely Way* aroused controversy as its plot was about lies and adultery. However, the aim of theatre company tg STAN is not to depict the bourgeoisie of early 20th-century Vienna, but rather to focus their reading of Schnitzler’s play on the relationship between actor, character and text, where they reveal a thorough work of interpretation.

Les Estivants

Os Veraneantes de Maxim Gorki
Um espetáculo tg STAN



© Tim Wouters

SÁB 2, DOM 3
DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração: 2h10
14€ · Até aos 30 anos: 5€

Desconto especial: Bilhete conjunto de 19€ para os dois espetáculos de tg STAN, à venda na Culturgest e no Teatro Maria Matos.
Desconto não acumulável.

M12

Espetáculo em francês,
com legendas em português

Aos pais que queiram assistir ao espetáculo de domingo às 17h: vai decorrer em simultâneo uma oficina para crianças onde será abordado o universo do espetáculo e o processo de criação teatral. Mais informações: culturgest@cgd.pt

Você fala sempre da “vida”. Mas o que é a vida? Cada vez que diz essa palavra, vejo um monstro imenso e informe que exige sem cessar novos sacrifícios. Dia após dia, devora o homem e bebe-lhe o sangue. Porquê? Não deteto sentido nenhum. Mas sei que à medida que o homem avança na vida, vê cada vez mais banalidade, sujidade e barbárie à sua volta, e tem cada vez mais sede de beleza, de simplicidade e de pureza.
Riumine em *Les Estivants*

Texto Maxim Gorki (*Datchniki*, 1905) **De e com** Robby Cleiren, Jolente De Keersmaeker, Sara De Roo, Damiaan De Schrijver, Tine Embrechts, Bert Haelvoet, Minke Kruijver, Frank Vercruyssen e Hilde Wils **Figurinos** An D’Huys **Luzes** Clive Mitchell **Técnicos** Clive Mitchell, Tim Wouters **Produção** tg STAN **Coprodução** Théâtre Garonne, Théâtre de Nîmes, Théâtre National de Strasbourg, Théâtre de la Bastille e Festival d’Automne **Agradecimentos** Martine Bom, Dood Paard, Peter Gorissen, Jeroen Perceval, Bob Snijers, Henk Van de Caveye e Gommer Van Roussel **Estreia da versão neerlandesa** 17 de junho de 2010, Monty, Antuérpia **Estreia da versão francesa** 2 de outubro de 2012, Théâtre Garonne, Toulouse

Les Estivants põe em cena um grupo de amigos russos que passam o verão juntos numa dacha. As conversas giram em torno da educação dos filhos, do amor, do casamento, da literatura, da vida... Bebe-se chá, fala-se e brinca-se, aproveita-se a água e o sol. E no entanto, há qualquer coisa que se anda a tramar. Este círculo de iluminados notórios, todos membros da burguesia, da *intelligentsia* russa, não pode esconder um grande nervosismo. Enquanto esperam para ver a sua vida completamente de pantanas, agarram-se uns aos outros e defendem com fanatismo a sua posição periclitante.

Maxim Gorki escreveu a peça em 1905. A narrativa dramatiza a vida da classe média russa, bem como a sua atitude diante das mudanças sociais do início do século XX.

Uma das principais companhias europeias, os STAN são presença habitual nos palcos de Lisboa: em 2012 estrearam *Mademoiselle Else* de Schnitzler no alcantara festival e *Nora* de Ibsen no Teatro Maria Matos. Na Culturgest apresentaram *of/niet* de Ayckbourn/Pinter em 2009, *ANATHEMA* de José Luís Peixoto em 2007 e *Berenice* de Racine em 2005.

In *Les Estivants* (*Summerfolk*) a group of Russian friends spends the summer in a country dacha. They talk about their children’s education, about love, marriage, literature and life... They drink tea, brag and have fun, enjoying the sun and the water. Yet something is brewing. Maxim Gorky wrote the play in 1905. The story dramatizes the life of the Russian middle class and its position vis-à-vis the social changes taking place at the beginning of the twentieth century. Frequently seen on the Lisbon stage, tg STAN are among the main contemporary European theatre companies.

Lisboa: a espessura do Tempo

por João Gomes da Silva



© Duarte Belo

SEGUNDAS-FEIRAS
4, 11, 18, 25 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
18h30 · **Entrada gratuita**
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

4 de fevereiro
A Natureza da Cidade

11 de fevereiro
A Paisagem como Transformação

18 de fevereiro
Paisagem como Construção Cultural

25 de fevereiro
A Espessura do Tempo

A conferência *Lisboa: a espessura do Tempo* põe em perspetiva a ideia de que a construção da Cidade de Lisboa enquanto uma forma de Paisagem é um fenómeno que se pode compreender a partir do conhecimento da sua Natureza, da transformação dessa Natureza em Paisagem, da construção da sua Paisagem enquanto fenómeno Cultural e do potencial de desenvolvimento que contém no seu próprio Corpo e Identidade. A aproximação à complexidade desta forma de Paisagem que se constitui como Cidade é feita de forma não-linear, porque o que resulta do conhecimento a partir de diferentes perspetivas (a Natureza, a Construção, a Cultura e a sua Revelação) não pode jamais ser entendido de forma fragmentada, mas através da sua articulação. Terá a Paisagem da Cidade de Lisboa uma Genética que contem todos estes dados e a explica? Poderá ser entendida enquanto Erupção, Sedimentação e Metamorfose de factos Naturais e Culturais interrelacionados e cristalizados na forma urbana e nas suas dinâmicas? Poderá o desenvolvimento de um novo ciclo histórico, cultural e económico, recriar a sua identidade, poder económico e afirmação cultural, e construir uma Cidade, que é uma Região, que é uma Paisagem Global?

Desenvolvendo-se ao longo de quatro sessões durante o mês de fevereiro, a conferência abordará os temas da 'Natureza da Cidade', da 'Paisagem como Transformação', da 'Paisagem como Construção Cultural' e da 'Espessura do Tempo', procurando introduzir diversas perspetivas de conhecimento acerca da formação da Cidade de Lisboa, da sua Natureza subjacente e presente, da sua receção enquanto fenómeno cultural e coletivo, e do seu potencial de renascimento e transformação, questionando de que forma a sua Identidade pode constituir a principal energia e processo de renascimento.

João Gomes da Silva (Lisboa, 1962) é Arquitecto-Paisagista, vive e trabalha em Lisboa e dedica-se à produção de pensamento e espaço de Paisagem. A conferência resulta do seu envolvimento no Laboratório de Paisagem. É professor no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa, e na Accademia di Architettura di Mendrisio.

This series of four lectures by João Gomes da Silva will examine the idea that the construction of the city of Lisbon as a form of Landscape is a phenomenon that can be understood from a knowledge of its Nature, the transformation of that Nature into a Landscape, the construction of its Landscape as a cultural phenomenon, and the potential for development contained in its own Body and Identity. This is something that must, however, be seen as an articulated whole. Discussion centres on the city's potential for rebirth, asking whether its Identity can become the main energy in that process.

Festival RESCALDO

SEX 8, SÁB 9, QUI 14,
SEX 15 DE FEVEREIRO
6€ (preço único)

M3

O festival decorre de 7 a 16
de fevereiro na Culturgest
e na Trem Azul.

Produção Culturgest / Trem
Azul **Comissário** Travassos
Textos Rui Dâmaso
Ilustração Travassos **Parceiros
de comunicação** Wake Up
Toda a informação em
www.festival-rescaldo.info

O Festival RESCALDO procura distinguir alguma da mais significativa produção nacional no panorama das músicas de vanguarda – nos mundos da eletrónica, da livre improvisação e das tangentes ao vasto espectro do rock e do jazz – assinalando as grandes referências do presente, contextualizando a influência dos seus mais importantes precursores e abrindo portas às visões de futuro.

Para além de celebrar alguns dos nomes e projetos cuja atividade, no ano transato, considera merecedora de destaque, o RESCALDO abre também espaço para projetar artistas aos quais reconhece capacidade para, num futuro próximo, alargar e enrique-

cer os horizontes da criação musical contemporânea em Portugal.

Presente na capital desde 2007, a 6.ª edição de RESCALDO conta com treze concertos, dois lançamentos de discos, uma exposição e um DJ-Set.

The RESCALDO Festival is designed to showcase some of the most significant avant-garde music being produced in Portugal – in the worlds of electronic music, free improvisation and offshoots from the broad spectrum of rock and jazz – highlighting the main references of the present day,



© Travassos

contextualising the influence of their most important precursors and opening doors to possible visions of the future.

Besides celebrating some of the names and projects whose activity over the last year merits our attention, the RESCALDO Festival also promotes artists whose work is considered capable of broadening and enriching the horizons of contemporary musical creativity in Portugal in the near future.

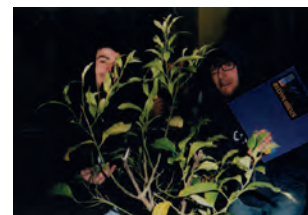
Held in Lisbon since 2007, this sixth RESCALDO Festival will consist of 13 concerts, 2 CD releases, an exhibition and a DJ Set.

Quinta, 7 de fevereiro
22h · Duração: 45 min.
Trem Azul

Go Suck a Fuck

Teclados, guitarra, baixo: Leio
Teclados, guitarra, baixo: Pesto
Teclados, baixo, *chaos pad*:
Gajo de Go Suck

A “explosão”, plenamente consumada em 2012, da Cafetra Records enquanto coletivo de músicos da máxima relevância e frescura no panorama nacional, deu e tem vindo a dar frutos que extravasam a linhagem *indie/lo-fi/garage* a que associamos a maioria dos seus projetos. Exemplo disso mesmo são estes Go Suck A Fuck, cujo disco de estreia, *Para o seu marido*, mostra uma faceta muito mais aberta (ou em aberto), plácida



e dificilmente classificável. Na ausência de percussão e baixo, sobram guitarras dolentes, teclados em fraseados lúdicos e conversas extraídas de fontes múltiplas que se encontram em *flirts* breves (não há uma única canção que atinja a marca dos 2 minutos), pequenos esqueletos de fórmulas *indie-rock* clássicas que preservam um certo onirismo e lirismo originários. Todos estes fragmentos parecem pistas para algo ainda

por vir; alimentemo-nos dessa expectativa.
gosuckafuck.bandcamp.com

23h · Duração: 45 min.
Trem Azul

Albatre

Alto sax, efeitos: Hugo Costa
Baixo, eletrónicas: Gonzo
Almeida · Bateria: Philipp
Ernsting

Trio sediado em Roterdão e formado por dois *jazzmen* portugueses (Gonçalo Almeida, baixo, e Hugo Costa, saxofone), aos quais se junta o percussionista Philipp Ernsting, os Albatre operam na interseção entre as dinâmicas do *free jazz* e uma pulsão eminentemente rock, na sua vertente mais próxima do *noise* (ao jeito dos saudosos portugueses Fish & Sheep, por exemplo, e a tudo o que neles os aproximava do desregramento nipónico epitomizado por uns Fushitsusha), integrando uma comunidade criativa em crescendo, sedeadada nos Países Baixos, na senda de ruidosos trios fundadores como os Julie Mittens ou os Cactus Truck. A participação dos Albatre no RESCALDO assinalará a edição do seu primeiro álbum, com a chancela da Shhpuma Records.
albatre.bandcamp.com/releases



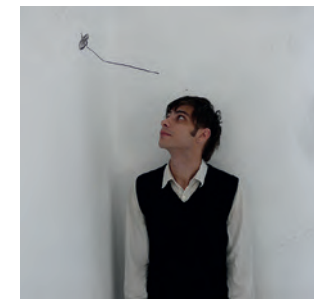
© Daniel Baggerman

Sexta 8 de fevereiro
21h30 · Dur. 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

Diamond Gloss

Guitarra, eletrónicas:
Gonçalo Pereira

Gonçalo Pereira, músico lisboeta, surgiu publicamente como principal compositor e nome responsável pelo coletivo How Comes the Constellations Shine, cuja abordagem ao cânone do que veio a ser convencionalizado como *post-rock*



se centrava na sua faceta mais outonal, solene e lírica. O nome Diamond Gloss vem reafirmar o seu estatuto de artista a solo e o incorporar de novas influências na sua música. O álbum *Bears*, editado em 2012 pela norte-americana Fluttery Records, revela elementos mais próximos de uma certa corrente neoclássica, da revitalização *idm/ambient* por via de uns Múm ou Helios, ou da sagacidade e ambição (micro) orquestral de uns Sigur Rós, e uma paleta emocional que privilegia mais a contemplação estática que a solenidade sorumbática.
dgloss.bandcamp.com



Filho da Mãe

Guitarra: Rui Carvalho

Sobram poucos adjetivos para descrever a rapidíssima ascensão, no ano que passou, de Rui Carvalho, *aka* Filho da Mãe, a um patamar de quase unanimidade acerca do caráter imprevisível e desarmante da sua música. Guitarrista de passado elétrico e crescimento no seio da comunidade sónica *hardcore* de Lisboa (nos If Lucy Fell), a adoção do nome Filho da Mãe marca a passagem a um universo acústico e assinala uma metamorfose assombrosa de beleza, sensibilidade e sentido: o disco *Palácio*, editado pela Rastilho, inquieta e pacifica em doses iguais, seja por via de um apurado domínio técnico, seja pelo lirismo refratário e vertiginoso dos seus fraseados, seja pelo ondular contínuo das suas linhas poéticas, que de alguma forma deixam passar um certo caráter de portugalidade, abstrata sim, mas reconhecível, de todo o modo, a um nível primordial: o das emoções. filhodamae.bandcamp.com
vimeo.com/42188347

Sábado 9 de fevereiro
21h30 · Dur. 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

Bruno Béu

Piano: Bruno Béu

Bruno Béu, pianista e compositor cuja atividade central radica na criação de música para teatro, apresentará no RESCALDO composições que integrarão um novo álbum, em preparação. Liberto aqui da necessidade de diálogo com uma narrativa exterior à própria matéria sonora, o piano, omnipresente e complementado por apontamentos



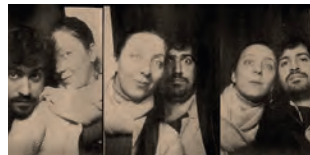
de origem eletroacústica, abre novos caminhos de significação por entre uma dinâmica sónica de fluxo permanente, por entre ressonâncias sinestéticas e preocupações metafísicas, rumo a uma poesia de quietude extática e de brilho imaculado. brunobeu.me

Almost a Song

Piano: Joana Sá
Guitarra: Luis Martins

O percurso desta pianista lisboeta é dos mais singularmente coerentes na história recente do panorama nacional: integrante, ainda adolescente,

dos fenomenais, fugazes e inesquecivelmente marcantes Pinhead Society, Joana Sá veio, lentamente, emergindo como uma voz de enorme mérito num patamar mais diretamente ligado à criação exploratória e à composição de música incatalogável. Primeiro abraçando a improvisação livre e não-idiomática, com os



Powertrio, depois lançando-se na obra de enorme fôlego que é *Through this looking glass*, refletindo um universo intermédia cuidadosamente concebido, orquestrado e executado e merecedor de uma justificada aclamação. O seu trabalho em conjunto com Luis José Martins, guitarrista, intérprete e criador num vasto espectro que engloba a música clássica, a contemporânea e a popular (a sua face mais visível, através do grupo Deolinda) abarca já um período de mais de uma década, com destaque para a formação do plim! Ensemble e dos já referidos Powertrio. Almost a Song, o mais recente empreendimento artístico da dupla, promete a subida de um patamar mais na procura de soluções e direções para a criação contemporânea; na Culturgest assistiremos em primeira mão à apresentação daquele que será o seu primeiro disco, com lançamento via Shhpuma Records. www.joana-sa.com

Quinta, 14 de fevereiro
21h30 · Dur. 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

Rodrigo Amado Hurrricane

Saxofone tenor: Rodrigo Amado
Gira-discos, eletrónica: DJ Ride
Bateria: Gabriel Ferrandini

O saxofonista Rodrigo Amado, nome maior do jazz português nas últimas duas décadas, junta-se a dois dos músicos nacionais cuja ascensão terá



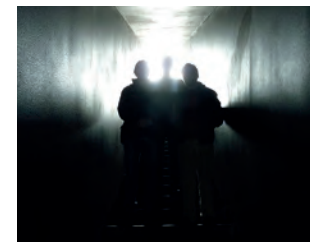
sido das mais prodigiosas e fulgurantes nos últimos anos: Gabriel Ferrandini, jovem baterista ao qual já não conseguimos evitar referências hiperbólicas, cada vez mais peça central e quase omnipresente em tudo o que é verdadeiramente livre e explosivo na música nacional, e DJ Ride, coroado no final de 2011 como campeão mundial de *scratch/turntablism*, pela International DJ Association, agora no rescaldo do lançamento de *Life in Loops*, álbum que dá conta do caráter eminentemente colaborativo da sua música, apresentando convidados como The Legendary Tígerman, Stereossauro ou PAUS. A promessa de um furacão sonoro neste RESCALDO não surpreende, portanto, mas surpreenderá sem dúvida a matéria

de que este será composto: virtuosa, certamente, porque o são os três músicos, mas eminentemente livre, exploratória e incendiária. www.rodrigoamado.com
www.djrjride.com

Radial Chao Opera

Gongos, *laptop* acústico, objetos, metalofones: Gustavo Costa
Bateria, címbalos, objetos, metalofones: João Pais Filipe
Contrabaixo, *laptop* acústico, flautas, objetos: Henrique Fernandes

A Radial Chao Opera é uma manifestação mais do singular e importante papel que uma comunidade alargada de músicos vem desempenhando, há mais de uma década, na cidade do Porto; composta por um trio de alguns dos mais proeminentes nomes dessa mesma comunidade (Henrique Fernandes, Gustavo Costa e João Filipe), esta formação vem colocar em evidência uma das suas obsessões: a da invenção, quer a nível conceptual quer de execução, de uma etnicidade cerimonial urbana (alguns dos projetos nos quais estão envolvidos chegam mesmo a forjar músicas tradicionais e rituais de imaginários países distantes), aqui com o recurso



a instrumentos invulgares e de autoria própria, rumo à reinvenção dos paradigmas das músicas tradicionais, da livre improvisação e da eletroacústica. *Dve Két*, o seu segundo álbum, com edição de 2012, é disso mesmo testemunho. soundcloud.com/sonoscopia/41-161769-8-584025

Sexta 15 de fevereiro
21h30 · Duração: 45 min.
Pequeno Auditório Culturgest

Tropa Macaca

Guitarra: André Abel
Teclados: Joana da Conceição

A impossível catalogação da música da Tropa Macaca é resultado de um percurso de tal forma pessoal, de uma procura tão pura, tão focada, de uma diluição tão total das



possíveis fontes, referências e inspirações, que nada resta senão o próprio objeto, o próprio som. Com o novíssimo álbum *Ectoplasma* acabado de sair pela Software, editora de Daniel Lopatin (Oneohtrix Point Forever), e já depois da edição de *Sensação de Princípio* pela mítica *Siltbreeze*, o duo, originário de Santo Tirso mas radicado em Lisboa, dá mais um passo rumo a uma nova

possibilidade de música, onde a organicidade do método casa com uma estética cujos pontos de referência habituais são eminentemente mecanicistas.

A inclassificabilidade não é, por si só, garantia de mérito artístico ou de um lugar no trono dos visionários, mas a verdade é que André Ferreira e Joana da Conceição são, sem qualquer sombra de dúvida, viajantes únicos pelo milagre do som.

tropamacaca.com

22h25 · Duração: 30 min.
Cafeteria da Culturgest

Pedro Lopes

Gira-discos, discos de prensagem caseira e agulhas modificadas, objetos vários: Pedro Lopes

Pedro Lopes é um músico português residente em Berlim, com um vasto currículo de colaborações com nomes como Carlos Zíngaro, Reinhold Friedl, Dj Sniff, Pedro Sousa ou Miguel Sá, entre muitos outros, num percurso enriquecido ainda por um envolvimento com a *radio art* que o levou já a produzir peças para a Transmediale de Berlim, a Fundação de Serralves ou o Goethe Institut.



© Tiago Ribeiro

Fazendo do seu instrumento, o gira-discos, veículo para um discurso de experimentação de tom analógico, com recurso a amplificadores, discos de prensagem caseira, agulhas modificadas e objetos percussivos, Pedro Lopes é um dos mais interessantes e inovadores representantes da música exploratória nacional. pedrolopesresearch.wordpress.com

23h · Duração: 45 min.
Pequeno Auditório Culturgest

Pop Dell'Arte

Voz: João Peste
Guitarra: Paulo Monteiro
Baixo: José Pedro Moura
Teclados: Eduardo Vinhas
Bateria: Nuno Castêdo

Há pouco, muito pouco, de não-dito acerca dos Pop Dell'Arte: responsáveis, talvez máximos, pelo rasgar das avenidas do pensamento livre



na música em Portugal, ainda hoje percorridas de alto a baixo (tantos de nós crescemos a ouvir a expressão “tipo Pop Dell'Arte” como quase sinónimo para experimentalismo, estranheza, liberdade), a sua importância e influência não é certamente comensurável ou adequadamente expressa por palavras, mas antes pelo crescente fervilhar criativo a que

felizmente assistimos ainda pelo país. Sem eles, não existiria talvez RESCALDO, não existiria este panorama de criação livre que orgulhosamente celebramos – existiria talvez outro panorama, se realidades paralelas sobrevivessem – mas o facto é que a música de João Peste e respetivos companheiros de viagem instaurou, ela mesma, uma capacidade de criação à margem do real do quotidiano e do *mainstream*, para além do plano da mera possibilidade. Tendo lançado o último trabalho de originais, *Contra Mundum*, em 2010, a própria permanência da sua necessidade de criar, evoluir e partilhar é facto incontornável na contemporaneidade nacional. popdellarte.posterous.com

Sábado 16 de fevereiro
22h · Duração: 45 min.
Trem Azul

Luis Lopes Noise Solo

Guitarra: Luis Lopes

Dos mais ativos músicos nacionais no território em que se cruzam o jazz, a improvisação livre e a negação pura de géneros e adjetivações (lidera também formações internacionais como o Humanization 4tet, com Rodrigo Amado e



© Rui Leal

os irmãos Aaron e Stephan González, ou o Lisbon-Berlin Trio com Robert Landfermann e Christian Lillinger), o guitarrista Luís Lopes apresenta no RESCALDO uma faceta do seu trabalho que tem, nos últimos anos, ganho preponderância: o seu *noise guitar solo* é veículo para um confronto entre o silêncio puro e a irrupção de fragmentos de maximalismo sónico e micro-fraseados abstratos, de violência controlada. pt.myspace.com/luislopes09

23h · Duração: 45 min.
Trem Azul

Black Bombaim

Guitarra: Ricardo Miranda
Bateria: Paulo Gonçalves
Baixo: Tojo Rodrigues

Expoentes máximos de um movimento que, bem ou mal, instituiu a cidade de Barcelos

© Joana Castelo



como capital nacional do rock, os Black Bombaim são de tal forma especiais que não seria de todo difícil imaginar que, qualquer que fosse a sua proveniência, facilmente atingiriam o patamar ao qual já inquestionavelmente pertencem. Movendo-se pelos meandros mais espaciais, cósmicos e assumidamente psicadélicos alcançáveis pelo triunvirato

bateria, guitarra e baixo (com uma incrível capacidade de evocar, ao mesmo tempo, Pink Floyd, Tangerine Dream ou Sleep) os Black Bombaim carregam consigo um disco que é um troféu e um marco na história da música nacional no século XXI, o duplo LP *Titans*. Com as participações de luminárias como Adolfo Luxúria Canibal, Noel V. Harmonson ou Steve Mackay, entre outros, *Titans* constituiu um passo fundamental que abriu portas ao trio barcelense a várias digressões europeias e a participações já agendadas em festivais da dimensão mítica de um Roadburn (Holanda) ou Alchemy at Zahar (Marrocos). blackbombaim.bandcamp.com

00h · Trem Azul

Flak DJ-Set

Cabe a Flak, nome indissociável de alguns dos melhores momentos das últimas três décadas na música em Portugal (enquanto motor dos Rádio Macau e dos Micro Audio Waves), a honra de encerrar esta edição do RESCALDO, com um DJ-Set que levará à Trem Azul uma cuidadosamente respigada seleção de clássicos não-convencionais de todas as interseções tributárias do rock nas suas múltiplas ver-



© Nuno Correia

tentes. A toada será certamente celebratória.

www.facebook.com/pages/micro-audio-waves/193703004212

De 7 a 16 de fevereiro
Trem Azul

Zé Burnay

Novo capítulo da colaboração estabelecida nos últimos anos entre o RESCALDO e a Associação Chili Com Carne, com uma exposição de trabalhos de um dos novos valores da ilustração nacional. Na senda de recentes e criteriosas palavras de elogio por parte da icónica publicação *Juxtapoz Magazine*, o trabalho de Zé Burnay, licenciado em *design*



gráfico pela ESAD, tem vindo a dividir-se entre a criação de fanzines, *artwork* para música ou a participação em exposições coletivas – diferentes aplicações para um imaginário visual de grande coerência interna e ligado a uma visão extremamente pessoal.

www.behance.net/zeburnay

Jason Moran and The Bandwagon



© Patrick McBride

SEX 22 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Piano Jason Moran **Guitarra baixo** Tarus Mateen
Bateria Nasheet Waits

Desde a sua impressionante emergência na cena musical nos finais da década de 1990 que Jason Moran tem provado mais do que o seu brilhantismo como músico. A sua reputação afirmou-se enquanto músico que arrisca e que explora novas direções para o jazz.

Em quase todas as categorias que importam – improvisação, composição, conceito de grupo, repertório, técnica, experimentação – Moran, com a sua banda The Bandwagon, desafia o *status quo* e é considerado como fazendo parte daqueles que estão a fazer “o futuro do jazz”.

A mais recente gravação de Moran, *TEN* (Blue Note, 2010), celebra o 10.º aniversário dos The Bandwagon. Este trio pioneiro é um dos mais duradouros e criativos trios com piano do jazz atual. *TEN* foi considerado pelos críticos reunidos pela revista *Downbeat* como disco do ano, e o grupo de críticos de jazz nacionais reunidos pelo site *Jazzlogical* também considerou *TEN* como dos melhores CDs estrangeiros do ano, escolhendo ainda Moran como melhor músico do ano, enquanto a revista *Jazz magazine/Jazzman* distinguiu o álbum com um Choc.

Em perspetiva mais um concerto excepcional na Culturgest, que tem apresentado, a solo ou como líderes, os melhores pianistas nacionais e estrangeiros da cena jazzística dos nossos dias.

First emerging on the music scene in the late 1990s, Jason Moran has carved out a reputation as a brilliant risk-taker, challenging the status quo and discovering new directions for jazz. His most recent recording, *TEN*, which celebrates the tenth anniversary of his pioneering trio The Bandwagon, was considered by *Downbeat* magazine as the album of the year and by the *Jazzlogical* website as one of the ten best foreign CDs, with Moran also being chosen as the year’s best musician.

Another exceptional concert awaits visitors to Culturgest, continuing its presentation of the leading jazz pianists.

A música de Jason Moran não é difícil de escutar mas, como a de Don Byron, encoraja a inteligência do ouvinte. Jazz magazine/Jazzman

O pensador mais estimulante do jazz atual. Rolling Stone

Não há trio de piano mais refinado a pisar a terra atualmente. Histórica e intelectualmente engenhoso, mas também brilhantemente intuitivo, inventivo, espontâneo. Downbeat

Ballister

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



QUA 27 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Saxofones alto e tenor Dave Rempis

Violoncelo Fred Lonberg-Holm Bateria Paal Nilssen-Love

O conceito de *power trio* é originário do rock, mas este grupo sediado em Chicago (Nilssen-Love pode ser norueguês, mas é um cúmplice da cena local da Windy City) adota por inteiro a sua energia e ao fazê-lo adapta a configuração guitarra-baixo-bateria para a realidade do jazz.

À frente está não um guitarrista, mas Dave Rempis e os seus saxofones, alguém que, não por coincidência, é um dos programadores de um dos mais importantes eventos do rock *indie*, o Pitchfork Music Festival. As funções da guitarra e do baixo estão a cargo do violoncelista Fred Lonberg-Holm, e se bem que este seja o único a recorrer à eletricidade, o que faz com a dita chega e sobeja para as ilações roqueiras. A bateria está, por sua vez, entregue a um homem, Paal Nilssen-Love, para quem *free jazz* e *free rock* não são, propriamente, abordagens distintas, como temos ouvido na principal banda de que faz parte, The Thing.

A formação instrumental dos Ballister é também herdeira dos trios de *hard bop* inaugurados por Sonny Rollins, apenas com a substituição do contrabaixo, essa outra referência misturando-se com a ideia de vanguarda enraizada na tradição de um Julius Hemphill, sobretudo na fase em que este integrou um violoncelo, o de Abdul Wadud, nos seus parâmetros composicionais, e com o melhor que os equacionamentos do jazz com o rock (e com o funk, um padrão sempre vivo no que respeita aos preceitos *groovy*) ofereceram no passado, do Miles Davis elétrico aos Prime Time de Ornette Coleman.

Com tal “bagagem”, a música destes Ballister só podia ser o que é: livre, barulhenta e agressiva, com rítmicas desestruturadas, mas invasivas, e surpreendentes interjeições melódicas irrompendo pelo magma sonoro quando nada o faria supor. Uma música muito física, mas com um “sentido de descoberta” (expressão utilizada pela revista *Downbeat* a propósito do álbum *Mechanisms*) que revela todo um posicionamento intelectual – o de abrir caminho sem nada renegar do passado. Por isso mesmo, esta é a *new school* do jazz que continua orgulhosamente a *old school*.

Power trio is a term originating from rock music, but this Chicago-based group has adapted the format to the reality of jazz. The group is led by saxophonist Dave Rempis, backed by Fred Lonberg-Holm’s electrified cello and Paal Nilssen-Love’s drums. Ballister follows in the line of the hard bop trios formed by Sonny Rollins, producing a fusion of jazz with rock (and funk) comparable with the best of Miles Davis’s electric bands and Ornette Coleman’s Prime Time. The trio’s music is free, noisy and aggressive, interspersed with surprising melodies – a new school proudly continuing the old one.

Eve Risser, Benjamin Duboc, Edward Perraud

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



TER 5 DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Piano Eve Risser **Contrabaixo** Benjamin Duboc
Bateria Edward Perraud

A última década tem sido um desfile de tentativas para repor o velho formato jazzístico que envolve piano, contrabaixo e bateria, ora no seguimento dos modelos antes instituídos, ora mutando-os em profundidade. Por vezes escapando mesmo ao enquadramento idiomático do jazz, para uma maior vivencialidade dos processos da improvisação coletiva. O trio constituído por Eve Risser, Benjamin Duboc e Edward Perraud coloca-se nesta última linhagem e, pelo que se ouve em *En Corps*, referido pela crítica especializada como uma das pérolas discográficas de 2012, acrescenta algumas intrigantes perspetivas de evolução.

Com a utilização de preparações e inspiração em John Cage, a pianista afasta-se do legado de Bill Evans, mas não o ignora. O lirismo proposto por este torna-se abstrato e integra-se numa abordagem orgânica marcada por jogos de tensão e distensão, exploratórios, interativos e implicando uma total entrega física. Se a atitude é experimental, a pronunciada comunicabilidade do trio extravasa do palco para a audiência. Já não são apenas os músicos que se “divertem”, mas também o público. Esta é uma música que tem como propósito e causa dar-se a ouvir sem complicações nem interferências.

Esta mesma música já não se constrói em pirâmide, com o piano no topo e os restantes instrumentos cumprindo funções de acompanhamento. Basta, de resto, atentar no modo como Risser surge onde menos se espera, fazendo o que não se julga que um piano pode fazer, e como Duboc se move nas construções erigidas a três. O contrabaixista é, aliás, o pilar deste edifício móvel. Por sua vez, ele que é um reconhecido ritmista, Perraud não tem apenas por papel atirar com células rítmicas para as tramas e mantê-las vivas. Mais do que alimentar a caldeira, o baterista comenta o que vai acontecendo. Ou seja, o futuro do “trio de piano jazz” passa por esta entusiasmante proposta...

The last decade has produced a string of attempts to revive the old jazz format of piano, bass and drums, either continuing or profoundly changing already established models, and sometimes escaping the jazz framework and coming closer to collective improvisation. With its most recent and highly-rated album *En Corps*, the trio formed by Eve Risser, Benjamin Duboc and Edward Perraud belongs to this latter area, inspired by the music of John Cage, but not ignoring the legacy of Bill Evans. Their abstract lyricism calls for total physical commitment, being “fun” for musicians and audience alike.

Orquestra Jazz de Matosinhos convida o pianista João Paulo Esteves da Silva

QUI 7 DE MARÇO

Grande Auditório

21h30 · Duração aprox. 1h20

12€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Orquestra Jazz de Matosinhos **dirigida por** Carlos Azevedo e Pedro Guedes **Piano** João Paulo Esteves da Silva

O já amplo conjunto de obras para *big band* encomendadas pela Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) foi reforçado com seis músicas da autoria do pianista e compositor João Paulo Esteves da Silva.

O programa deste concerto inclui temas da autoria de João Paulo, com arranjos de Carlos Azevedo (*Certeza e Bela senão sem*); Pedro Guedes (*Tristo, Fado Menor e Canção Açoriana*); *Moche Salyo Misraim*, uma canção tradicional sefardita harmonizada pelo pianista, com arranjo de Pedro Guedes e um sétimo tema, *A Candeia*, escrito e orquestrado pelo próprio pianista. O convite feito pela OJM a João Paulo Esteves da Silva surge como o resultado natural de um percurso do pianista e compositor que tem pontos de contacto com o jazz, desde 1979, ano em que participou no Festival de Jazz de Cascais.

Em 1996 conhece o produtor Todd Garfinkle, com quem inicia uma longa colaboração, documentada em seis discos, e que dura até 2001. Nesse ano, grava um primeiro disco a solo, *Roda*. O seu último disco *Scapegrace*, em duo com Dennis Gonzalez, foi galardoado com o prémio Autores da SPA para o Melhor Disco 2009. Ao longo dos anos são inúmeras as colaborações, em concertos e discos com músicos nacionais e estrangeiros, onde se incluem, nomeando apenas alguns, Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin, Samuel Rohrer, no campo da música instrumental; e também parcerias com cantores como Vitorino, Sérgio Godinho, Filipa Pais, Ana Brandão, Cristina Branco, entre outros.

The Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) already has a vast big band repertoire, which will be reinforced at this concert with six compositions by João Paulo Esteves da Silva. The OJM invited this pianist and composer to play with them because of the points of contact with jazz that he has demonstrated since his participation in the 1979 Cascais Jazz Festival. In 1996, he met the producer Todd Garfinkle and later worked with him on six albums, and in 2001 released his first solo album, *Roda*. His latest CD *Scapegrace*, recorded with Dennis Gonzalez, won the SPA award for Best Album in 2009.



© Mário Santos

Melancolía y Manifestaciones

Melancolia e Manifestações
de Lola Arias



QUI 14, SEX 15, SÁB 16
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
14€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Espectáculo em espanhol,
com legendas em português

Texto e encenação Lola Arias **Coreografia e colaboração na encenação** Luciana Acuña **Performers** Lola Arias, Elvira Onetto, Mario Aitel, Vicente Fiorillo, Ernestina Ruggero, Noelia Sixto **Música** Ulises Conti **Músico ao vivo** Fernando Pereyra **Dramaturgia e produção** Sofia Medici **Vídeo** Nele Wohlatz **Técnica e operação de vídeo** Marcos Medici **Cenografia** Mariana Tirantte **Figurinos** Sofia Berhaka **Desenho de luzes** Matías Sendón **Diretor técnico e adaptação de luzes** Gustavo Kotik **Coprodução** Wiener Festwochen, HAU Berlin, Centro Cultural General San Martín **Estreia** Wiener Festwochen, Viena, 13 de maio de 2012

“Quando eu nasci, o ovário da minha mãe explodiu e tudo se cobriu de sangue: a cama, o chão do hospital, a roupa das enfermeiras. Estávamos em 1976, e o país também tinha explodido sob um golpe militar. A minha mãe e eu sobrevivemos à explosão.

Mas passados uns dias a minha mãe ficou muito triste. Foi a um médico e disseram-lhe que essa tristeza se chamava depressão e que tinha de tomar uns comprimidos para se curar. Com os anos, a minha mãe começou a viver entre dois extremos: passava meses sem querer sair de casa, quase sem comer nem falar, e noutros meses andava eufórica pela cidade a toda a velocidade, falando de tudo o que ninguém teria coragem de dizer, como a rádio de um país onde não houvesse censura.”

Melancolía y Manifestaciones é o diário da doença de uma mãe contado pela testemunha mais próxima, a sua própria filha. Uma história clínica poética que vai entrecruzando memórias infantis, listas de objetos roubados, ideias de suicídio, crónicas de manifestações. No palco, a filha, a mãe e um grupo de atores de cerca de 75 anos reconstróem algumas cenas do passado sob a forma de um inquietante livro ilustrado.

Lola Arias (1976) é uma escritora, encenadora e performer argentina. Entre os seus espetáculos contam-se *Striptease*, *Sueño con Revolver*, *El amor es un Francotirador*, *Mi Vida Después* e *El Año en que Nací* (apresentado no Festival Próximo Futuro, 2012). Em colaboração com Stefan Kaegi dirigiu *Chácara Paraíso* (Culturgest/alkantara festival, 2008) e *Airport Kids*. Em 2010 comissariaram o festival *Ciudades Paralelas*.

Melancolía y Manifestaciones is the diary of a mother's illness recounted by the closest witness to her suffering, her own daughter. A poetic clinical history that interweaves childhood memories, lists of stolen objects, ideas of suicide, and personal accounts of political demonstrations. On the stage, daughter, mother and a group of actors aged roughly 75 reconstruct some scenes from the past in the form of a disquieting illustrated book.

Lola Arias (1976) is an Argentinian writer, stage director and performer.

O público, maioritariamente jovem, (...) sentiu-se visivelmente impressionado com o teatro despretenso e descritivo de Lola Arias, que em imagens muito simples produz também poesia.
nachtkritik.de

elculturalsanmartín

Wilde

de mala voadora e Miguel Pereira



SEX 22, SÁB 23 DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração a determinar
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta 22, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

A mala voadora e O Rumo do Fumo são estruturas financiadas pela DGArtes/Presidência do Conselho de Ministros - Secretaria de Estado da Cultura. A mala voadora é uma estrutura associada do Negócio/ZDB.

Direção Jorge Andrade e Miguel Pereira **Com** Carla Bolito, Joana Bárcia, Nuno Lucas, Tiago Barbosa, Valentina Parlato **Cenografia e figurinos** José Capela **Desenho de luz** Daniel Worm d'Assumpção **Sonoplastia** Jari Marjamäki **Produção** mala voadora e O Rumo do Fumo **Coprodução** Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, Teatro Viriato **Residência Artística** mala voadora (Porto), Espaço Alcantara (Lisboa), ZDB (Lisboa)

Wilde parte do universo de Oscar Wilde. E da sua peça *O Leque de Lady Windermere*.

Wilde é uma cocriação da mala voadora e de Miguel Pereira. *Wilde* talvez comece como teatro e acabe como dança. Ou talvez comece como dança e termine como teatro. Ou as duas coisas. Ou nenhuma delas.

Wilde é um espetáculo com texto e sem texto – apolítico, convencional, elegante, radical e político. E selvagem. *Wilde* tem uma mensagem, entretém, aborrece, desilude, entusiasma e não quer dizer nada. Ou não.

Wilde is based on the world of Oscar Wilde. And his play Lady Windermere's Fan.

Wilde is a co-creation of the mala voadora theatre group and choreographer Miguel Pereira.

Wilde perhaps begins as theatre and ends as dance. Or perhaps it begins as dance and ends as theatre. Or both. Or neither.

Wilde is a show with a text and without a text – apolitical, conventional, elegant, radical and political. And wild.

Wilde has a message, it is entertaining, boring, disappointing, exciting, and doesn't mean anything at all. Or perhaps it does.

Rosemarie Trockel

Flagrante Deleite
Flagrant Delight



Nobody will Survive 2, 2008 © Rosemarie Trockel, VG Bild-Kunst, Bonn 2012 · Cortesia Sprüth Magers, Berlim e Londres

ATÉ 6 DE JANEIRO

Galeria 1
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

A galeria estará encerrada
no dia 1 de janeiro.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 5 de janeiro, 17h

Curadoria Dirk Snauwaert

A exposição *Flagrante Deleite* oferece uma perspectiva sobre o trabalho multifacetado de Rosemarie Trockel (Schwerte, Alemanha, 1952), artista de referência na cena artística internacional dos últimos trinta anos. Tomando como *leitmotif* uma extensa série de colagens realizadas desde 2004, a exposição inclui também esculturas muito diversas, objetos de cerâmica e obras de parede feitas com lã. Acedemos assim a uma obra muito heterogênea do ponto de vista dos temas abordados, dos materiais e das técnicas utilizados, das soluções formais e estilísticas exploradas.

Rosemarie Trockel propôs no início da década de 1980 uma alternativa ao formalismo rígido e à pintura expressiva então dominantes. Hoje, décadas mais tarde, os princípios fundamentais que orientam o seu trabalho continuam a envolver uma grande liberdade, a transposição dos limites do academismo, associações convencionais e conhecimento da linguagem, bem como formas e símbolos da vanguarda. O denominador comum às suas obras é a intensidade do conteúdo, que incorpora uma rede de associações e discursos igualmente alargada, que vai das premissas do debate filosófico, teológico e científico ocidental até diversos modelos comportamentais ou a manifestações canônicas da arte. Todo o seu trabalho é formulado a partir de uma perspectiva precisa, poética e explicitamente feminina; uma perspectiva que se estende para além do gesto feminista. O título da exposição faz referência à dualidade ou multiplicidade do seu trabalho: expressivo, brincalhão, divertido, sombrio, obscuro e sempre sensual.

A exposição *Rosemarie Trockel – Flagrante Deleite* é uma colaboração entre o WIELS Contemporary Art Centre, em Bruxelas, a Culturgest e o Museion, em Bolzano.

The exhibition *Flagrant Delight* offers an insight into the multifaceted work of Rosemarie Trockel (Schwerte, Germany, 1952), a major figure on the international art scene for the last thirty years. In the early 1980s, Trockel proposed an alternative to the rigid formalism and expressive painting that dominated the artistic context at the time. Today, a few decades later, the fundamental principles of her practice still involve the notions of liberty and going beyond the limits of academicism, conventional associations and knowledge of language, as well as avant-garde forms and symbols. Taking as its *leitmotif* an extensive series of collages produced since 2004, the exhibition also includes a great variety of sculptures, ceramic objects and wall pieces made with wool. The title refers to the multiple quality of her work: expressive, playful, witty, gloomy, obscure and always sensuous.

Rosemarie Trockel – Flagrant Delight is a collaboration between WIELS Contemporary Art Centre in Brussels, Culturgest and Museion, in Bolzano/Bozen.

Rui Toscano

Esculturas Sonoras 1994-2013

Sound Sculptures 1994-2013



7, 1998 · Coleção Portugal Telecom

DE 9 DE FEVEREIRO
A 19 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 8 de fevereiro, 22h

Galeria 1
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
nos dias 29 e 31 de março,
e no dia 1 de maio.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 2 de março
e 13 de abril, 17h

Curadoria Miguel Wandschneider

Em 1994, Rui Toscano (Lisboa, 1970) produziu uma escultura sonora que se viria a revelar determinante no desenvolvimento da sua prática artística nos anos subsequentes. *Bricks are Heavy*, assim se intitulava, inaugurou uma genealogia de obras em que o artista utiliza o radiogravador simultaneamente como elemento escultórico e como sistema de amplificação sonora. A referência à cultura rock, e por essa via a uma determinada cultura juvenil que o artista perfilhava, estava muito presente nas primeiras dessas peças – também em *(They Say We're Generation X But I Say We're Generation Fuck You!)*, de 1995. Mas o que persiste em todas as suas esculturas sonoras, e que poucos terão notado na década de 1990, é a espantosa reativação da linguagem formal característica da escultura minimalista (o recurso à forma do paralelepípedo e, por vezes, a sua replicação serial), a partir de premissas, atitudes e questões completamente estranhas a essa tradição. São disso testemunho inequívoco *Black Painting (Perfect Lovers)*, de 1997, *T*, de 1998, *Whistling in the Dark*, de 2001, *Light Corner*, de 2006, ou *From Point A to Point B*, de 2009. O radiogravador era, já em meados da década de 1990, um objeto obsoleto, em vias de desaparecimento, e isso tornou cada vez mais difícil, mas não impediu, o desenvolvimento deste corpo de trabalhos. Nesta exposição, aos trabalhos já referidos, juntam-se duas novas esculturas sonoras, uma delas projetada há dez anos, mas que só agora foi possível concretizar: *Square Fall*, de 2012, e *No Saying Yes*, de 2002-2013.

In 1994, Rui Toscano (Lisbon, 1970) produced a sound sculpture that was to prove decisive for the development of his artistic practice over the following years. *Bricks are Heavy* (as the sculpture was called) marked the beginning of a long line of works in which the artist simultaneously uses the radio cassette recorder as a sculptural element and as a sound amplification device. The reference to rock culture, and thus to a certain youth culture that the artist shared in, was also unmistakably present in the following sculpture that he made of this kind: *(They Say We're Generation X But I Say We're Generation Fuck You!)*, from 1995. Yet what has endured in all of his sound sculptures is the remarkable reactivation of the characteristic formal language of minimalist sculpture (the use of the parallelepiped shape, and sometimes its serial replication), based on premises, attitudes and issues that are completely alien to that tradition. By the mid-1990s, the radio cassette recorder was already an obsolete object that was gradually beginning to disappear, a fact that made it increasingly difficult to pursue this line of works. This exhibition features two new sound sculptures: *Square Fall*, from 2012, and *No Saying Yes*, from 2002-2013.

Michel Auder

Retrato de Michel Auder

Portrait of Michel Auder



Chelsea Girls with Andy Warhol, 1971-1976/1994

DE 9 DE FEVEREIRO
A 19 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 8 de fevereiro, 22h

Galeria 2
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
nos dias 29 e 31 de março,
e no dia 1 de maio.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 9 de março
e 6 de abril, 17h

Curadoria Miguel Wandschneider

A obra videográfica de Michel Auder (Soissons, França, 1945) ficou indelevelmente marcada por vicissitudes de ordem biográfica: em 1969, o jovem aspirante a cineasta casa-se com Viva, uma das atrizes diletas de Andy Warhol, que conhecera em Paris pouco tempo antes, e muda-se para Nova Iorque. Até finais da década de 1980, filma obsessivamente o círculo de pessoas com quem vive e convive, utilizando esse abundante material em filmes que retratam essas personagens (Viva, Andy Warhol, Brigid Berlin, Louis Waldon, Taylor Mead, Alice Neel, Cindy Sherman, entre outros) e o seu quotidiano. Desenvolvendo nesses e noutros filmes um estilo documental muito próprio, de forte cunho diarístico, Michel Auder sempre recusou, no entanto, a categoria do documentário e a concomitante noção de verdade de que aquela não se consegue desligar. Além de algumas incursões na ficção, por vezes com forte sentido autobiográfico, importa ainda destacar os vídeos feitos na década de 1980 a partir da filmagem de imagens televisivas, bem como os vídeos baseados na livre associação de imagens, que põem em jogo modos de pensamento visual próximos da poesia. A exposição está ancorada neste tipo de obras; o extenso programa de sessões no auditório (a apresentar oportunamente) abarca as outas vertentes do seu trabalho em vídeo.

Retrato de Michel Auder é parte de uma colaboração com a Kunsthalle Basel, que em junho de 2013 apresentará uma outra exposição igualmente dedicada ao artista.

In 1969, while still aspiring to become a filmmaker, Michel Auder (Soissons, France, 1945) married one of Andy Warhol's favourite actresses, Viva, whom he had met in Paris shortly before, and moved to New York. This biographical episode would leave an indelible mark in his video work. In fact, until the late 1980s, Michel Auder obsessively filmed the circle of people he lived and socialised with, using this abundant material to make films that portrayed those characters (Viva, Andy Warhol, Brigid Berlin, Louis Waldon, Taylor Mead, Alice Neel and Cindy Sherman, among others) and their daily life. Besides a significant number of films in which he developed a very particular documentary style, Michel Auder also made some incursions into fiction, sometimes with a highly autobiographical slant, as well as videos based on the filming of television images and others constructed through a loose association of images, which involve modes of visual thinking that come very close to poetry. His exhibition at Culturgest is rooted in works of this type; the extensive programme of film sessions in the auditorium covers other aspects of his video work.

Portrait of Michel Auder is part of a collaboration with Kunsthalle Basel, where another exhibition of Michel Auder will take place in June 2013.

Danh Võ

A asa de Gustav
Gustav's Wing



CULTURGEST PORTO
DE 19 DE JANEIRO
A 13 DE ABRIL

Inauguração:
Sexta, 18 de janeiro, 22h

Entrada gratuita

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)
Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Curadoria Óscar Faria

O conceito de liberdade é permanentemente interpelado pela prática artística de Danh Võ (1975, Bà Rịa, Vietname). A sua obra é atravessada por diversas camadas, criando uma complexa rede de leituras, por vezes invisíveis numa primeira aproximação: uma carta enviada por um missionário jesuíta ao pai, escrita, no século XIX, antes da sua decapitação, revela simultaneamente a beleza de um texto e o horror associado às circunstâncias da sua morte e, por extensão, a de todos os mártires. Regularmente recopiado por Phung Võ – pai do artista –, esse documento fala-nos de um país várias vezes colonizado, com uma língua escrita com caracteres latinos e sujeito a violentos conflitos, religiosos e políticos. Danh Võ propõe uma reflexão onde acontecimentos históricos se cruzam com a intimidade, tendo sempre consciente o lugar onde o discurso se produz e as formas deste se insinuar no espaço público, fixando identidades, apropriando-se dos corpos, domesticando os desejos. *We The People*, ambicioso projeto, reproduz à escala 1:1 a Estátua da Liberdade, agora revelada através dos fragmentos que a constituem, sublinhando-se, nesse desvio, uma figura desmembrada, quase irreconhecível, do monumento oferecido pela França aos EUA. As partes que compõem a versão do artista, fabricada na China, apontam para várias tradições da história da escultura: da arte clássica ao minimalismo, do barroco à arte conceptual. Essa vontade de recusar a norma em favor de um território propício à diferença atravessa *A asa de Gustav*, exposição que procura sublinhar a resistência inerente ao ato de criação: a possibilidade de transfigurar o real a partir de uma imagem, um objeto, um gesto, um nome.

The practice of Danh Võ (1975, Bà Rịa, Vietnam) involves a constant questioning of the concept of freedom. Many threads run through his work, creating a complex network of readings, which are not always evident on first encounter. The artist's methods lead to a reflective exploration in which historical events intersect with intimacy, with a constant awareness of the origin of discourse and the way its forms insinuate themselves in the public space. The ambitious project *We The People* is a 1:1 scale replica of the Statue of Liberty, now revealed through its component parts; a shift that draws attention to a dismembered figure, an almost unrecognisable model of the monument. The fragments which comprise the artist's version, made in China, refer to various sculptural traditions: from classical art to minimalism, from the baroque to conceptual art. This desire to reject the norm in favour of a territory where difference becomes possible runs through *Gustav's Wing*, an exhibition which attempts to highlight the resistance inherent to the act of creation: the possibility of transfiguring reality through an image, an object, a gesture or a name.

Pedro Sousa Vieira

Preto e branco
Black and white



Ó limoeiro limão, 2011 (pormenor)

CHIADO 8
ATÉ 15 DE FEVEREIRO

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Para quem há já demasiado tempo vive sob o jugo da especialização e daquela singela, porém brutal, ideia de que o caminho para a *verdade* das coisas não admite nem inflexões críticas nem deslumbramentos superficiais, o trabalho de Pedro Sousa Vieira (Porto, 1963) é uma espécie de grande exercício herético. Recorrendo a meios tão diversos como o desenho, a pintura, a fotografia, a colagem, a escultura ou, mais recentemente, o vídeo, a prática deste artista recorda-nos que à conceção que defende que o conhecimento só é verdadeiramente possível por via de uma busca sistemática, progressiva e focada, existe uma alternativa que opta por se aproximar dos mistérios do mundo na base da sua diversidade, da sua amplitude e do seu intrínseco fascínio. Sem culpa e sem arrependimento, o método de trabalho deste artista está assente numa total disponibilidade para acolher, inspecionar, perceber e inter-relacionar os mais díspares signos e fenómenos visuais, fazendo do seu processo criativo um ágil e singular dispositivo de teste à resistência das imagens face a esse suposto regime de exceção a que chamamos experiência artística.

Fruto do seu confortável posicionamento entre meios e da sua atenção difusa, a exposição que Pedro Sousa Vieira traz ao Chiado 8 é repleta de uma ambiguidade produtiva. Nela se confirma essa noção de conhecimento como lugar intersticial onde todas as coisas, reais e fictícias, se interpelam e estabelecem equilíbrios precários, concorrendo num plano de entendimento que só produz sentido quando admitimos que nem tudo tem que ser exatamente o que parece.

For anyone still labouring under the yoke of specialisation and the simple, yet brutal, idea that there is no place on the path to the *truth* of things for critical inflections or superficial wonderment, the work of Pedro Sousa Vieira (Porto, 1963) is a kind of full-blown heretical exercise. Using mediums as diverse as drawing, painting, photography, collage, sculpture and, more recently, video, the practice of this artist reminds us that the belief that knowledge can only truly be attained through a systematic, progressive and focused search is countered by an alternative which chooses to consider the world's mysteries in terms of their diversity, breadth and inherent fascination. The unapologetic working method of this artist is based on a total openness to accepting, examining, perceiving and interrelating the most disparate signs and visual phenomena, using his creative process as an agile and singular device for testing the resistance of images to this supposedly exceptional realm that we call artistic experience.

Gonçalo Barreiros

Vraum



© Pedro Tropa

CHIADO 8
DE 4 DE MARÇO
A 10 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 1 de março, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

O trabalho recente de Gonçalo Barreiros (Lisboa, 1978) revela, simultaneamente, um domínio irrepreensível da mecânica do humor e uma consciência arguta sobre o modo como este destabiliza os preconceitos e as censuras onde se alicerçam muitos dos nossos valores sociais. Uma parte significativa da sua produção recente tem sido investida na criação de aparatos cômicos cuja amplitude alberga gestos simples, como a mera inversão da cabeça de um martelo de orelhas, e outros bem mais complexos, como a construção de engenhos através dos quais se produzem situações insólitas e, não raramente, perturbadoras. Mais do que da criteriosa seleção daquilo que na gíria humorística se apelida de *punch line*, a singularidade das propostas deste artista provém do modo cuidadoso como elas preparam esse momento de libertação que irrompe no riso, mas também da forma como promovem, através da sua reincidência, a transformação de uma experiência prazenteira na revelação subtil e despreziosa da violência que subjaz a qualquer modalidade do ridículo, do patético ou do imoral.

A exposição que Gonçalo Barreiros traz ao Chiado 8 alarga substancialmente o seu território autoral. Tomando o espaço expositivo como uma gigantesca moldura, em *Vraum* o artista estabelece um jogo de relações materiais e humanas cujos resultados compreendem, entre outros, uma incursão pelo estreito campo de encontro entre a escultura e a expressão gráfica, um teste à natureza intersubjetiva da arte e à sua pretensa vocação comunicativa, ou uma investigação sobre o dúbio estatuto do espectador enquanto ator ou personagem da sua própria experiência artística.

A significant part of Gonçalo Barreiro's recent production has been dedicated to creating comic displays that generate unusual and disturbing situations. Although not neglecting the rigorous selection of its pieces punch lines, the uniqueness of this artist's proposals derives from the careful preparation of that liberating moment that erupts in laughter, but also from the way his pieces transform a once joyful experience into a subtle revelation of violence.

Using the space of Chiado 8 as a gigantic frame, in *Vraum* the artist sets up a play of material and human relations whose results comprise, among other things, an incursion into the field where sculpture meets graphic expression, a test of the intersubjective nature of art and its supposed communicative vocation, or an investigation into the dubious status of the spectator as either actor or character in his own artistic experience.

A doce e ácida incisão

A Gravura em contexto (1956-2004)



**MUSEU DO
NEO-REALISMO**
DE 23 DE MARÇO
A 23 DE JUNHO

Inauguração:
Sábado, 23 de março, 16h

Museu do Neo-Realismo
Rua Alves Redol, nº 45
2600-099 Vila Franca de Xira

Horário
De 3ª a 6ª feira: 10h-19h
Sábados: 12h-19h
Domingos: 11h-18h
Encerra aos feriados
Entrada gratuita
Visitas guiadas e atividades
a anunciar brevemente
www.museudoneorealismo.pt

Curadoria David Santos e Delfim Sardo

A Culturgest, juntamente com o Museu do Neo-Realismo, apresenta uma exposição sobre a Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses (SCGP).

Com o objectivo de aproximar artistas e colecionadores, visando a experimentação das técnicas de gravura e o desenvolvimento da sua cultura junto dos associados e do público em geral, foi fundada em 1956, a SCGP, uma das experiências de associação artística mais fecundas e determinantes na cultura visual portuguesa.

Desde a sua fundação, a história e atividade da SCGP estão intimamente ligadas às mudanças de paradigma na arte portuguesa, sendo o seu estudo capital para a sua compreensão na segunda metade do século passado.

A exposição, que apresenta uma seleção de cerca de cem gravuras, editadas entre 1956 e 2004, assim como uma seleção de documentos sobre a história da SCGP, patenteia a vitalidade e a diversidade geracional e artística, congregada em torno desta prática, com artistas como Alice Jorge, Almada Negreiros, Ana Vieira, António Areal, António Charrua, Bartolomeu Cid dos Santos, Carlos Botelho, Cipriano Dourado, David de Almeida, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Fernando Calhau, Fernando Conduto, Guilherme Parente, João Abel Manta, João Hogan, Jorge Barradas, Jorge Martins, Jorge Vieira, José de Guimarães, José Júlio, Julião Sarmiento, Júlio Pomar, Júlio Resende, Manuel Baptista, Maria Beatriz, Maria Gabriel, Maria Keil, Nikias Skapinakis, Paula Rego, Querubim Lapa, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Sérgio Pombo ou Vitor Pomar, entre outros.

Culturgest and the Museu do Neo-Realismo present an exhibition about the cooperative association Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses (SCGP).

Founded in 1956, with the aim of bringing artists and collectors closer together, while promoting experimentation in the techniques of engraving and encouraging the development of this art form among both its members and the general public, SCGP has proved to be one of the most fruitful and decisive experiences of artistic association ever developed in the field of Portuguese visual culture.

The exhibition, which presents a selection of roughly a hundred prints, published between 1956 and 2004, as well as a selection of documents about SCGP's history, highlights the vitality and the great diversity of generations and artists involved in the artistic practice of engraving.



m neorealismo
MUSEU DO NEO-REALISMO

Crianças

- A história que não queria ser livro Pág. 74
Rui Toscano – Exposição Pág. 76
Michel Auder – Exposição Pág. 78
Nana Nana – Poema vocal com novelos de lã Pág. 83
Férias de Páscoa na Culturgest Pág. 84
Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 86

Adultos

- Sem título mediação (técnica e dimensões variadas) Pág. 73
(Per)Cursos com arte Pág. 75
Rui Toscano – Exposição Pág. 76
Michel Auder – Exposição Pág. 78
Centro das Artes Pág. 81

Famílias

- A história que não queria ser livro Pág. 74
Nana Nana – Poema vocal com novelos de lã Pág. 83
Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 86

Professores e educadores

- Sem título mediação (técnica e dimensões variadas) Pág. 73
Antevisão do IndieJúnior'13 Pág. 80
Centro das Artes Pág. 81
A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula Pág. 82
Psicologia da Arte – como apreciamos as obras de arte Pág. 85

Mediadores culturais e educadores em museus

- A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula Pág. 82
Psicologia da Arte – como apreciamos as obras de arte Pág. 85
Práticas de mediação cultural – o caso das instituições culturais britânicas Pág. 79

Grupos escolares

- A história que não queria ser livro Pág. 74
Rui Toscano – Exposição Pág. 76
Michel Auder – Exposição Pág. 78
Nana Nana – Poema vocal com novelos de lã Pág. 83

Grupos organizados de adultos

- Rui Toscano – Exposição Pág. 76
Michel Auder – Exposição Pág. 78

Sem título mediação (técnica e dimensões variadas)

OFICINAS

Destinatários:
artistas, professores,
adultos e jovens

Das 18h30 às 21h · Sala 6
37€ · Marcação prévia
Lotação: 25 participantes
(mínimo 10)

Estão disponíveis 2 entradas gratuitas para as melhores candidaturas. Caso queira concorrer a estes lugares, envie a sua carta de motivação e curriculum vitae para culturgest.servicoeducativo@cgd.pt.

Para mais formação prática consulte também a página 81.

Para formação relacionada com o ensino e o uso da arte contemporânea na sala de aula consulte a página 82.

Oficinas práticas orientadas por artistas contemporâneos portugueses

Rui Rebelo De ter 15 a sex 18 de janeiro

Estudou no Hot Club de Portugal, na Academia dos Amadores de Música, na Escola de Música de Barcelona e na Academia de Artes e Tecnologias. Tem trabalhado como instrumentista, desenvolvendo maioritariamente a sua atividade como compositor. Em teatro, trabalhou com encenadores como João Brites, Jorge Silva Melo, José Peixoto ou Miguel Seabra. É membro fundador da Companhia do Chapitô e do Teatro dos Aloés.

Fernanda Fragateiro De ter 19 a sex 22 de fevereiro

Estudou na Escola António Arroio (1978-1981), no Ar.Co (1981-1982) e na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1983-1987). Começou a expor em 1981 e preocupou-se desde então por intervir com a sua obra em locais públicos não se limitando aos lugares habituais de exposição. Recebeu vários prémios e está representada em coleções nacionais e internacionais. É colaboradora do *Diário de Notícias* com um espaço ilustrado dedicado à infância.

Rui Toscano De ter 19 a sex 22 de março

Rui Toscano (Lisboa, 1970) estudou Pintura no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual (1988-1990), Pintura (1989-1994) e Escultura (1994-1997) na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Paralelamente à sua carreira de artista plástico prosseguiu diversas linhas de atividade na área da música e do *video-jamming*. É o artista com exposição patente na Galeria 2 da Culturgest entre fevereiro e maio de 2013.



But this garden, for me, looked like no other one. Every day I met you here, 2003
© José Maças de Carvalho

A história que não queria ser livro

TEATRO

Destinatários:
dos 3 aos 6 anos

De seg 21 de janeiro a sex 1 de fevereiro · Sessões às 10h, 11h30 e 14h30 · Sala 6 (não há sessões ao fim de semana exceto no sábado 26 de janeiro às 16h)

Duração: 35 min.
2,50€ (entrada gratuita para professores) · Marcação prévia
Lotação: 60 participantes

Criação João de Brito, Leonor Cabral, Marco Fonseca e Tiago Cadete
Encenação Tiago Cadete
Interpretação João de Brito e Leonor Cabral
Cenário e figurinos Marco Fonseca

Quantos pontos existem num espaço? E quantos espaços existem num ponto? Quem pinta um ponto, acrescenta um conto. Ou será o contrário? Ai, vêm aí as cores... Agora é que a situação se vai complicar! Esta história não quer ser livro, mas também não sabe que história é... Está tudo trocado! E agora?



(Per)Cursos com arte

ENCONTROS

Destinatários:
adultos e jovens

Das 12h30 às 14h
Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes

Desenho no museu
em parceria com:



Aulas de arte contemporânea, à hora de almoço

Da essência do riso: o cómico e o lúdico nas artes plásticas (1.ª parte)
Qua 23 de janeiro · 3€
Conceção e orientação Joana Batel

Escultura Contemporânea – Dos anos 60 ao final do século XX
Sex 22 de fevereiro · 3€
Conceção e orientação Ana Isabel Gonçalves

Escultura Contemporânea – Do final do século XX à atualidade
Sex 22 de março · 3€
Conceção e orientação Ana Isabel Gonçalves

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)
Qua 20 e 27 de fevereiro, 6, 13, 20 e 27 de março · 45€
Conceção e orientação João Catarino



Rui Toscano – Exposição

VISITAS

Destinatários:
adultos

VISITAS JOGO

Destinatários:
escolas e grupos
organizados

Duração: 1h
1€ · Marcação prévia

A exposição decorre na
Galeria 1, de 9 de fevereiro
a 19 de maio.

Visitas gratuitas à hora de almoço

Qui 21 de fevereiro, 13h10 · Qui 28 de fevereiro, 12h10
Qua 13 de março, 12h10 · Qua 20 de março, 13h10

O sopro do tijolo Pré-escolar

Conceção Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron,
Leonor Cabral e Nuno Bernardo
O que oíço? Vem de baixo ou de cima? Com todos os sentidos em
alerta vamos explorar os muitos e misteriosos caminhos que o
som atravessa até chegar a nós. Imaginar a sua forma e dar-lhe
um corpo!

Sons que dão que pensar Pré-escolar

Conceção Ana Nunes, Irina Raimundo e Susana Alves
Vamos descobrir, através do trabalho de Rui Toscano, que os
sons trazem consigo paisagens, lugares e muita imaginação.
Mas será que estes sons estarão assim tão longe de nós?

Som em movimento 1.º ciclo

Conceção Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron,
Leonor Cabral e Nuno Bernardo
As obras deste artista convidam-nos a deambular pelo espaço,
a ver e a ouvir de diferentes pontos. Se me virar de costas, se
fechar os olhos, se me afastar, será que alguma coisa muda? E se
for um som diferente, será que continuo a ver a mesma coisa?

Ver, ouvir... ouvir, ver! 1.º ciclo

Conceção Ana Nunes, Irina Raimundo e Susana Alves
Como podemos imaginar uma imagem a partir de um som?
Será que o som que ouvimos vem mesmo de onde esperamos?
E uma imagem sem som, que som poderia ter? Nesta visita
vamos ouvir, ver, depois ver e ouvir, depois só ouvir ou só ver...
Preparados?

Tijolos de sons 2.º ciclo

Conceção Ana Nunes, Irina Raimundo e Susana Alves
Quais as relações entre som e imagem? Será que uma imagem
produz um som? E um som pode dar origem a uma imagem?
Nesta visita vamos encontrar várias respostas possíveis para
todas estas questões.

Material sonoro 2.º e 3.º ciclos

Conceção Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron,
Leonor Cabral e Nuno Bernardo

O corpo está continuamente exposto à gravação de sons. Dos
que vou experienciar nesta exposição, como consigo reproduzi-
-los? Apenas com a ajuda de máquinas ou tenho outras formas
de os transmitir? Que sons me afetam e que sons me elevam?

Significados. Camada por camada 3.º ciclo

Conceção Ana Nunes, Irina Raimundo e Susana Alves
Numa obra de arte podemos fazer várias leituras e descobrir
vários significados. Para onde nos irá transportar a obra do
Rui Toscano? Sons, imagens, objetos de arte... O que tem isto
tudo a ver com o nosso universo, com aquilo que conhecemos,
pensamos e sentimos?

Paisagens ruidosas Secundário

Conceção Ana Nunes, Irina Raimundo e Susana Alves
Anda desvendar as várias camadas de significados presentes
ou escondidos nas peças de Rui Toscano. Vamos explorar as
camadas que rodeiam o nosso quotidiano e entender de que
forma esta exposição nos convoca a participar, falar e pensar!

Realidades invisíveis Secundário

Conceção Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron,
Leonor Cabral e Nuno Bernardo
Som... O som... O mesmo som... A visita que revisita sons
próprios da cultura urbana. Para daí recriar outros! Como me
influenciam os sons? Como os materializo? São paisagem e
construção, são silêncio e ruído... Trago comigo todos os sons do
mundo!



Rui Toscano. *T*, 1998 (Coleção Portugal Telecom);
Black Painting (Perfect Lovers), 1997 (Coleção Pedro Cabrita Reis, Lisboa)

Michel Auder – Exposição

VISITAS

Destinatários:
adultos

VISITAS JOGO

Destinatários:
escolas e grupos
organizados

Duração: 1h
1€ · **Marcação prévia**

A exposição decorre na
Galeria 2, de 9 de fevereiro
a 19 de maio.

Visitas gratuitas à hora de almoço

Qua 27 de fevereiro, 12h10 · Qui 14 de março, 13h10

A cápsula do tempo Pré-escolar

Conceção Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo,
Nuno Bernardo e Susana Alves
O espelho é a minha primeira câmara de filmar. O que vejo nele?
Posso ver-me a brincar, posso ver a minha família e amigos em
diferentes pontos de vista, posso escolher coisas que vejo no
espelho e desenhá-las... e posso guardar esses desenhos e um
dia filmá-los...

A minha vida dava um filme 1.º ciclo

Conceção Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo,
Nuno Bernardo e Susana Alves
Máquina de filmar numa mão e os dias pela frente. Amigos,
filhos, pais e mães: tudo registado. Uns anos depois aqui estão
recortes, imagens, fragmentos de uma vida que se conseguiu
guardar. E agora, que histórias podemos recriar?

Frames da memória 2.º ciclo

Conceção Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo,
Nuno Bernardo e Susana Alves
Já imaginaste como seria o filme da tua vida? De certeza que já
viveste momentos dignos de serem registados. Recordas algum?
Nesta exposição vamos descobrir os vídeos de Michel Auder e,
quem sabe, inventar as nossas próprias memórias.

Ficção ou realidade, há diferença? 3.º ciclo

Conceção Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo,
Nuno Bernardo e Susana Alves
Esta exposição levanta questões muito interessantes sobre a
fronteira entre a realidade e a ficção. Os vídeos do Michel Auder
vão servir de veículo para descobrir, inventar, repensar essas
diferenças... Será que as encontras?

Auder TV Secundário

Conceção Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo,
Nuno Bernardo e Susana Alves
Câmara na mão, olhar dirigido, a vida para lá da objetiva,
filmam-se figuras conhecidas da história, momentos familiares...
Os anos passam: pega-se no material, edita-se, aproxima-se e
afasta-se. Quando é que a vida se torna material para a arte?

Práticas de mediação cultural – o caso das instituições culturais britânicas

ENCONTROS

Seg 18 de fevereiro, 11 de março e 8 de abril

Destinatários:
educadores e mediadores
em museus e centros de arte,
professores e artistas

18h30-21h30 · Sala 6
36€ (3 sessões) · 15€ (1 sessão)
Marcação prévia · **Lotação:**
45 participantes (mínimo: 15)

Para mais formação teórico
prática consulte as páginas
75 e 81.

Para formação relacionada
com o ensino e o uso da arte
contemporânea na sala de aula
consulte a página 82.

Que estratégias utilizam os mediadores, arte-educadores e
coordenadores de serviços educativos nos museus e centros de
arte na Europa? Podemos dizer que o trabalho com os públicos
das artes, em instituições culturais, tem características
específicas a cada país?

Com estas inquietações em mente, selecionamos o caso
britânico para dar início a um ciclo de encontros e debates em
torno de um só panorama internacional.

Oradores convidados e programa completo
em www.culturgest/se.



Antevisão do IndieJúnior'13

CINEMA

Destinatários:
professores e educadores

Qua 13 de fevereiro,
das 18h30 às 20h
Sáb 23 de fevereiro,
das 15h às 17h30

Entrada gratuita
Marcação prévia · Lotação:
80 participantes (mínimo 10)

O festival decorre entre
18 e 28 de abril.

Integrado no IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema Independente

Apresentação e moderação Nuno Sena (direção do IndieLisboa) e Raquel dos Santos Arada (coordenação do Serviço Educativo)

Uma vez mais, ao abrigo da colaboração que o IndieLisboa estabelece com a Culturgest, vamos ter o privilégio de visionar – em primeira mão – alguns dos filmes que vão estar no Festival IndieJúnior'13.

Reconhecendo que sem a antevisão dos filmes, os professores terão maior dificuldade em agendar as visitas dos seus alunos ao Festival, é com enorme prazer que tornamos possível – uma vez mais – o visionamento antecipado de alguns dos filmes que compõe a programação para crianças e jovens integrada no Festival IndieJúnior'13.

Neste encontro, será apresentado integralmente um filme diferente para cada ano letivo e teremos ainda a possibilidade de visionar alguns excertos de outros filmes selecionados. Terminaremos a sessão com um debate aberto a todos.



O Quadro da Princesa, de Klaus Morschheuser e Johannes Weiland

Centro das Artes

OFICINAS

Destinatários:
artistas, professores,
adultos e jovens

Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes

Para mais formação prática
consulte também a página 73.

Para formação teórica
consulte também a página 75.

Programas completos a partir
de dia 15 de janeiro, no nosso
site www.culturgest.pt/se

Esta é uma iniciativa que conjuga propostas de escolas e centros de arte de Lisboa com o objetivo de oferecer uma seleção das melhores atividades teórico-práticas no momento.

O diário gráfico como suporte de registo e projeto artístico pessoal (parceria com NextART)

Qua 13 de fevereiro, qui 14 de fevereiro · 18h-20h30 · 22€
Professor Mário Linhares

Como se pode registar no diário gráfico a obra de Rui Toscano? Que técnicas serão as mais adequadas? O minimalismo depurado das páginas em branco, com a linha de uma caneta, é o mote para uma aventura conceptual que se inicia com desenhos de observação e termina com o emaranhado de ideias típico do processo criativo.

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)

Qua 20, 27 de fevereiro, 6, 13, 20, 27 de março · 12h30-14h · 45€
Professor João Catarino

Workshop prático que decorre no interior das exposições e visa abordar técnicas e metodologias do desenho. Tomando como referência os temas e as obras nas exposições, explorar-se-á o potencial expressivo dos participantes.

Workshop Som/Imagem-Imagem/Som (parceria com Ar.Co)

Qua 20, 27 fevereiro, 6, 13, 20, 27 março · 18h30-20h30 · 95€
Professores Marcelo Costa e Ricardo Guerreiro

Ao longo da História a relação entre som e imagem tem vindo a sofrer alterações, acelerando-se este processo com as contribuições do cinema e das artes performativas. Recentemente, obras nascidas nos domínios das artes plásticas e da música levantam questões pertinentes para a compreensão desta relação. Desenvolver-se-ão exercícios práticos visando trabalhar uma sensibilidade que vive destas duas matérias.

Objeto, Palavra, Som: oficina experimental a partir da obra de Rui Toscano (parceria com NextART)

Sáb 9, 16 de março · 15h-18h · 35€

Professoras Ana Gonçalves e Teresa Rutkowski

Nestas oficinas, propõe-se desenvolver estratégias e processos criativos das obras de Rui Toscano. Na primeira sessão, estará em foco a combinação entre palavras e objetos. Na segunda sessão, será introduzida a presença do som, com vista a complexificar e tornar mais densas as associações feitas na sessão anterior. Para completar a experiência, os participantes serão convidados a instalar o seu objeto-palavra-som na sala de trabalho e apresentar o resultado.

nextart
formação artística

arco
CENTRO DE ARTE
& COMUNICAÇÃO
VISUAL

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula

CURSO

Destinatários: professores, educadores, educadores e medidores em museus, artistas

Duração total do curso: 18h
30€ por sessão · **Marcação prévia** · **Confere direito a certificado de participação e a unidades de crédito**

Para mais formação prática consulte também a página 81.

23 de fevereiro

Orador Fernando Hernández

Artista convidado Fernanda Fragateiro

6 de abril

Orador Jorge Larrosa **Artista convidado** Yola Pinto

Pode a arte contemporânea ser um recurso para o trabalho em sala de aula? Como aproveitar uma visita a uma exposição, o trabalho expressivo dos alunos ou até imagens de obras de arte para potenciar o currículo escolar? Qual o potencial do recurso à arte contemporânea para trabalhar na escola? O que se está a perder? O que já se está a fazer bem? O que pode ser melhorado? Que exemplos podem ser recuperados? Do espírito crítico ao desenvolvimento da criatividade, este breve curso teórico-prático de 3 sessões, iniciado em 2012, pretende partilhar com professores e educadores algumas das mais-valias de recorrer à arte contemporânea para estimular o gosto pela aprendizagem divergente e artística.

Um curso organizado por professores, orientado por professores, com exemplos práticos retirados da sala de aula mas com uma forte ligação aos nossos museus e centros de arte contemporânea.

Programa disponível em www.culturgest.pt/se

Gostaria de participar nestes encontros apresentando um exemplo pessoal retirado do museu ou da sala de aula? Vamos selecionar propostas de trabalho que provoquem a discussão e a reflexão junto dos participantes.
Datas limite para envio de propostas: 23 de janeiro e 6 de março.



Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação



Nana Nana Poema vocal com novelos de lã

ESPETÁCULO

Destinatários: dos 0 aos 5 anos

10 de março, 16h
11 e 12 de março, 10h e 11h15
Sala 6

Duração: 20 min
2,5€ (entrada gratuita para professores) · **Marcação prévia** · **Lotação máxima:** 30 participantes

Criado em 2011 sob encomenda do CCB - Fábrica das Artes.

Criação e interpretação Carla Galvão e Fernando Mota

Duas vozes e muitos novelos desenrolam o som destas voltas e das vossas também pica pica pica pica...

PLIM!

Era uma vez duas vozes quantas vezes?

Nana e Nana são dois tecelões do som que escrevem no espaço um poema que embala de mansinho os novelos de lã que quase sozinhos se movem no tear, o pequeno grande tear onde Nana e Nana trabalham estes novelos são colocados no tear com a ajuda de quem por ali passa e, em troca, cores, texturas, cheiros e histórias quentinhas saem lá de dentro com tal mestria que a todos embala e a todos põe a rodar em torno do pequeno grande tear de Nana e Nana estalactites de lã?

PLUM!



Férias de Páscoa na Culturgest

OFICINAS

Destinatários:

dos 5 aos 7 anos

e dos 8 aos 12 anos

Manhãs: das 10h às 13h

Tardes: das 14h30 às 17h30

Marcação prévia · Lotação limitada

Almoço disponível para

inscrições de dia inteiro

6,85€ (valor unitário)

Inscrição prévia · Lotação limitada

Prolongamento de horário:

Manhãs: das 9h às 10h

Tardes: das 17h30 às 18h30

2€ (valor único diário)

Inscrição prévia · Lotação limitada

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário).

Nas inscrições de crianças com 5 anos será solicitado um comprovativo de idade.

Conceção e orientação Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron, Irina Raimundo, Mariana Lemos, Nuno Bernardo e Susana Alves

Desde 2012, as nossas oficinas de férias escolares têm temas relacionados com a arte contemporânea: conceitos (aparentemente) difíceis que gostamos de desenvolver com as crianças e jovens inscritos nas oficinas. Assim, após 3 ou 5 dias connosco, os participantes ganham mais um conceito ou uma técnica para, nas próximas visitas ao museu, interpretar com sentido crítico e experiência real, a linguagem da arte dos nossos dias.

A Performance

De seg 25 a qua 27 de março (manhãs ou tardes) · 26€

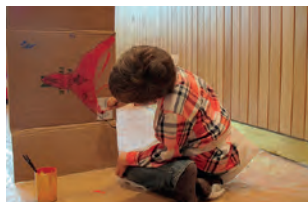
Com diferentes interpretações em diferentes expressões artísticas, este conceito é reclamado pelas artes plásticas, pela dança e também pelo teatro. Comum a todos eles: a *performance* envolve sempre um tempo e espaço específicos e convoca, na ação, o corpo e a presença do artista. Ao longo do século XX a *performance* serviu movimentos artísticos muito variados, desde o Dadaísmo da década de 1960 até às *flash mob* dos dias de hoje.

A Instalação

De seg 1 a sex 5 de abril (manhãs ou tardes) · 40€

Apesar de ser um conceito artístico que existe na linguagem da arte contemporânea desde a década de 1920, este é um termo que – ainda hoje – é sinónimo de estranheza ou desconforto resultado de permanecer em uso pelos artistas atuais. Dando relevância às características do espaço expositivo e dos objetos colocados no/nesse espaço, os artistas que recorrem à instalação fogem às categorias tradicionais da arte (pintura e escultura) e convocam objetos, técnicas e suportes quase sempre inesperados ou do dia a dia.

Inscrições abertas e programa completo a partir do dia 1 de fevereiro, no nosso site www.culturgest.pt/se



Psicologia da Arte – como apreciamos as obras de arte

CURSO

Destinatários:

educadores e mediadores em museus e centros de arte, professores e artistas

Terças-feiras

26 fevereiro, 5, 12, 19 março

18h30-21h · Sala 4

45€ · Marcação prévia

Mínimo: 10 participantes

Para formação relacionada com o ensino e o uso da arte contemporânea na sala de aula consulte a página 82.

Para mais formação teórico-prática consulte as páginas 75 e 81.

Coordenação António M. Duarte

Como apreciamos as obras de arte? O que nos interessa? O que nos desperta a atenção? Como reagimos sensorialmente? Como percebemos? Como compreendemos? Que emoções experimentamos? Este curso, de 4 sessões, partilha o conhecimento da Psicologia da Arte sobre alguns dos processos básicos da apreciação da Arte. Pretende assim melhorar a compreensão dos participantes sobre o modo como as pessoas desfrutam e reagem às obras de arte, desenvolvendo uma sensibilidade que pode ser utilizada para o autoconhecimento, o aperfeiçoamento da apreciação ou da criação artística e o melhoramento da comunicação com os públicos de arte. Um curso organizado por um psicólogo, professor de Psicologia da Arte, ilustrado com exemplos de obras da pré-história à contemporaneidade e contendo exercícios de aplicação prática.

Inscrições abertas e programas completos a partir do dia 15 de janeiro, no nosso site www.culturgest.pt/se

nextart

formação artística



Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários:
dos 5 aos 12 anos

Duração: 2h30
185€ · Marcação prévia
Lotação: 20 participantes

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Conceção e orientação Ana Nunes, Joana Barros, João de Brito, Leonor Cabral e Tiago Pereira
Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

ESPETÁCULOS

Destinatários:
dos 5 aos 12 anos

Duração: 1h10
310€ · Marcação prévia
Lotação: 30 participantes

Esta atividade tem uma duração de 3 horas e inclui:

- Oficina ou espetáculo
- Espaço livre e mesa para o lanche que os pais queiram trazer (até perfazer 3h)
- 1 artista orientador
- 1 assistente acompanhante
- Uma atividade, na galeria, para adultos (1h30)

Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest. servicoeducativo@cgd.pt

Uma bailarina...

Conceção Aldara Bizarro

Orientação Costanza Givone ou Yola Pinto

Espectáculo de dança concebido para ser apresentado em espaços não convencionais. Procura proporcionar novas leituras do corpo, suscitando a reflexão sobre matérias relacionadas com o mesmo, enquanto objeto de saber e de sentir.

A nova bailarina...

Conceção Aldara Bizarro **Orientação** Yola Pinto ou Isabel Costa
Espectáculo sobre a democracia que nos remete para o papel de cada um na sociedade e para a consciência cívica, abordando, através da dança, de uma forma não convencional, e com muito humor, questões éticas e de valores base de construção pessoal e social.



© NOA

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Ana Gonçalves (teoria da arte)

Ana Nunes (teoria da arte, expressão dramática e filosofia)

Ana Teresa Magalhães (artes visuais)

Bruno Marques (história e teoria da arte)

Caroline Bergeron (fabricante de espetáculos e encenadora)

Irina Raimundo (artista plástica)

Isabel Gomes (produção e assistência)

Joana Barros (expressão dramática, teatro e movimento)

Joana Batel (teoria da arte)

Joana Ratão (artista plástica)

João de Brito (expressão dramática... ou teatro... ou movimento)

Leonor Cabral (expressão dramática)

Luísa Fonseca (estágio profissional)

Maria Almeida (expressões artísticas variadas / escrita criativa)

Mariana Lemos (corpo-dança)

Nuno Bernardo (realização)

Pietra Fraga (produção)

Raquel dos Santos Arada (coordenação)

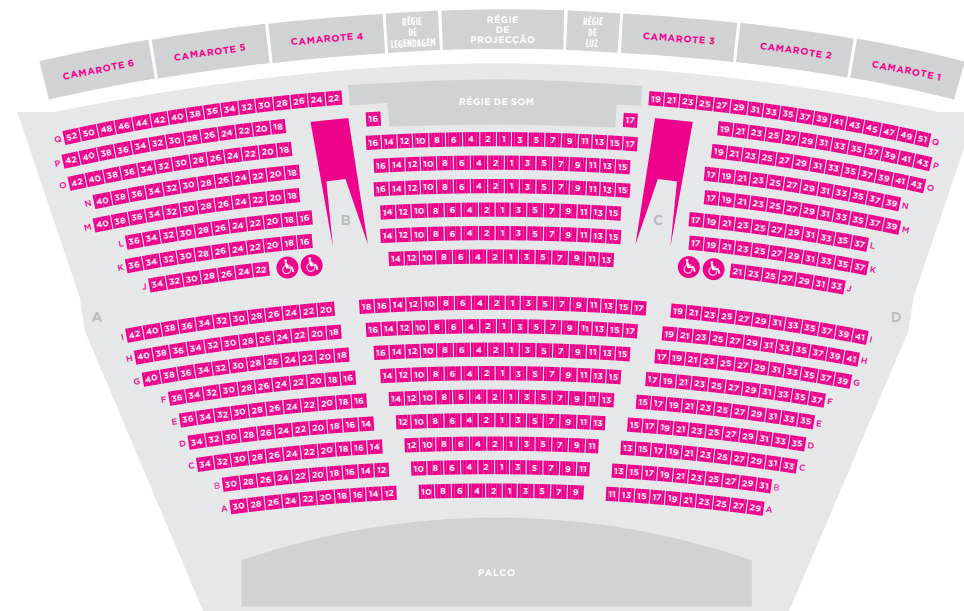
Susana Alves (miscelânea de expressões)

Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes)

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados
Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

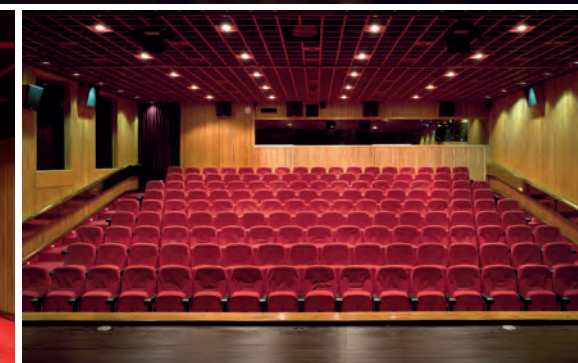
Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram nos dias 1 de janeiro, 29 e 31 de março.

Não faça do seu evento
um acontecimento periférico.
**Temos o espaço para si
no centro de Lisboa.**
Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Apoios:



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest telefone-nos, escreva-nos ou envie um e-mail para culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo. Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h, Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições patentes. Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados.
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Janeiro Fevereiro Março 2013

CALENDÁRIO

